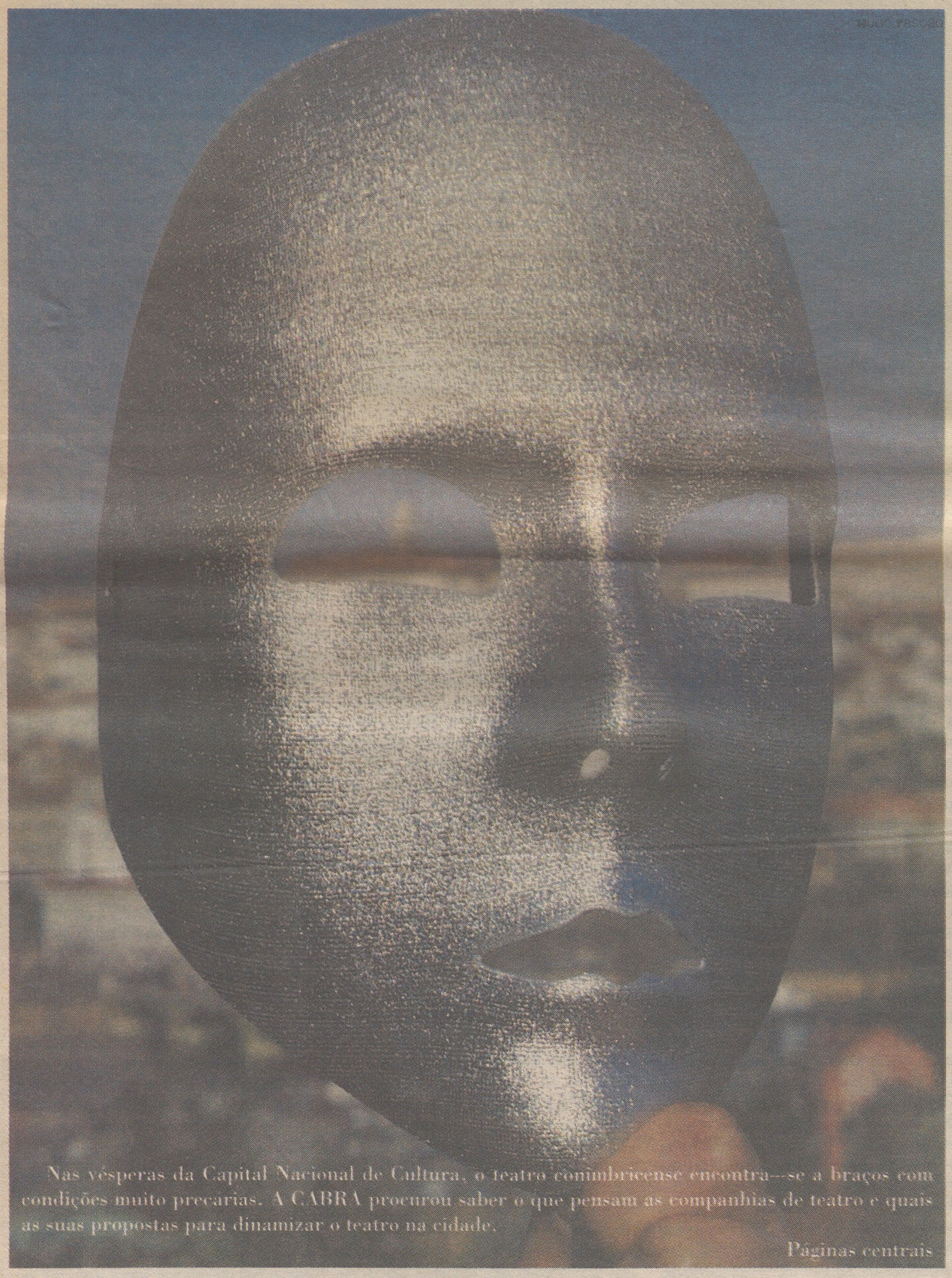
BIBLIOTECA GERAL
UNIV. DE COIMBRA
JORNAIS

# A CABRA
## Jornal Universitário de Coimbra

Nº75 26 de Fevereiro de 2002 Quinzenal Director: Sérgio Alves
Produzido pela Secção de Jornalismo da Associação Académica de Coimbra Distribuição Gratuita

DOM Dicas

# O Teatro em Coimbra



Nas vésperas da Capital Nacional de Cultura, o teatro conimbricense encontra-se a braços com condições muito precarias. A CABRA procurou saber o que pensam as companhias de teatro e quais as suas propostas para dinamizar o teatro na cidade.

Páginas centrais

# A educação em manifesto

Deficiente e insuficiente. São estas algumas das acusações que o Manifesto para a Educação da República faz ao estado do ensino em Portugal. A CABRA foi falar com os seus proponentes e traça um balanço do impacto deste documento na comunidade estudantil.

Páginas 2 e 3

Universidade
### Regionalismo académico

Nos últimos anos tem-se observado uma tendência crescente para que os estudantes que frequentam a UC sejam maioritariamente oriundos da zona de Coimbra. Novos estabelecimentos de ensino superior e perda de prestígio são causas apontadas.

Página 5

Nacional
### Eleições legislativas

Com as próximas eleições antecipadas de 17 de Março à porta, os candidatos preparam as suas campanhas. Almeidas Santos, pelo PS, e Dias Loureiro, pelo PSD, prometem animar a luta política em Coimbra.

Página 7

Desporto
### Velhas rivalidades

União de Coimbra e Académica, os dois clubes emblemáticos da Lusa Atenas, sempre pautaram a sua relação por uma tensa disputa. A CABRA mergulhou nos anais da história e recuperou um pouco dessa peculiar rixa entre doutores e futricas.

Página 13

Cultura
### IV Mostra Cultural

Mais uma vez, a Universidade abre às portas à cultura que é produzida dentro do seu espaço. O grande destaque vai para o concerto da pianista Maria João Pires.

Página 1

Cultura
### Abílio Hernandez em entrevista

A pouco tempo da data prevista pa ra o início da Capital Nacional da Cu tura e apesar de todas as dificuldade o presidente desta iniciativa, Abíl Hernandez, mostra-se confiante n seu sucesso.

Página 1

Manifesto pela educação mobiliza sociedade civil

# "A República está a educar mal os seus filhos"

**Mais de dezasseis mil pessoas já assinaram o "Manifesto para a Educação da República", um documento "politicamente incorrecto" que faz um diagnóstico negro do actual estado da educação em Portugal. A breve prazo, pretende–se que este texto dê lugar a um debate efectivo que envolva toda a sociedade directamente ligada a esta questão.**

João Pedro Marques
Marco Carvalho

Jorge Nande
O "Manifesto para a Educação da República" faz um diagnóstico negativo do ensino

A mais elevada taxa de abandono escolar dos países da União Europeia (UE); uma educação deficiente a preços excessivamente elevados; irracionalidade na gestão imposta pelo Estado às escolas e às universidades; a insuficiência do sistema de ensino e formação profissional na preparação do indivíduo para a vida activa. Estas são algumas das críticas apontadas, implícita ou explicitamente, no "Manifesto para a Educação da República", texto reflexivo sobre o estado da educação em Portugal, assumindo–se simultaneamente como a plataforma de lançamento para um efectivo fórum de discussão sobre este problema, envolvendo necessariamente toda a sociedade.

Disponível em *www.assinar.net*, o documento conseguiu em pouco mais de dez dias ultrapassar largamente as 5 mil assinaturas a que o núcleo duro da iniciativa, José Dias Urbano e Carlos Fiolhais, docentes do departamento de Física da Universidade de Coimbra, e Guilherme Valente, editor da Gradiva, se tinha inicialmente proposto. A adesão em massa vem dar mais força ao objectivo inicial de entregar as assinaturas ao presidente da República, Jorge Sampaio, e posteriormente promover a discussão sobre a educação através da realização de um congresso de âmbito nacional.

"A ideia era pôr a discussão dos problemas da educação na ordem do dia e a mensagem que esta adesão faz passar é a de que estas preocupações, ou parte delas, são partilhadas por muita gente e que os estudantes não estão sozinhos na luta por uma melhor qualidade de ensino", diz Carlos Fiolhais. Para o físico, o manifesto resulta da necessidade de chamar a atenção para o problema da educação em Portugal, o país da UE que, título comparativo, mais dinheiro investe a educação sem que consiga obter resultados correspondentes. O diagnóstico é crítico: "Todos os indicadores dizem que estamos na cauda da Europa e que temos um grande problema que é a qualificação dos cidadãos", afirma Fiolhais.

### Reacções ao manifesto

O manifesto encontrou já um eco significativo junto da comunidade estudantil (que constitui a maior parte das 16 mil assinaturas) e científica. Nomes como os do neurocirurgião João Lobo Antunes, do ensaísta Eduardo Lourenço, ou dos bastonários das ordens dos advogados e dos engenheiros, respectivamente José Miguel Júdice e Francisco Sousa Soares, figuram na já extensa lista de assinaturas que o manifesto recolheu. Abílio Hernadez Cardoso, professor universitário e comissário da Capital Nacional da Cultura 2003, outro dos signatários, afirma que o documento resulta "da noção generalizada de que a educação é um dos grandes problemas de Portugal. Há uma necessidade de encontrar novos caminhos para a educação e de repensar os problemas em moldes diferentes". Para Abílio Hernadez Cardoso "o problema não se resolve com a realização de um congresso que se seja apenas mais um congresso. Deve ser discutido durante o tempo que for necessário. Esta é uma questão civilizacional".

### As soluções

A eventual realização de um congresso nacional para debater o tema não agrada particularmente ao presidente Jorge Sampaio, para quem o "Manifesto pela Educação", apesar de contribuir positivamente para uma avaliação sobre o estado da Nação, traça uma imagem demasiado catastrofista do ensino em Portugal. Não obstante, o chefe de Estado vai analisar com atenção o documento e é de esperar que tome uma posição, tendo em conta os alertas sobre a educação que lançou nos últimos anos.

Às reticências de Sampaio, fazem–se juntar as críticas de quem não subscreve este texto. Manuela Teixeira, secretária–geral da Federação Nacional dos Sindicatos de Educação (FNE) aponta o dedo a um discurso que considera redutor e incorrecto. Em declarações ao "Público", a secretária-geral da FNE diz discordar do teor do manifesto praticamente da primeira à última linha: "É como se antes dos altos intelectuais da nossa praça se terem pronunciado nada tivesse sido feito. O que é apresentado não me dá garantias de que o que se pretende seja uma discussão diferente e profunda".

Outra das críticas apontadas ao manifesto por aqueles que o não subscrevem radica na ausência de soluções concretas para os problemas. Os próprios promotores do documento reconhecem–no, mas dizem que não era seu objectivo apontar respostas uma vez que entendem que estas devem surgir do debate que se seguirá. "Primeiro é preciso dizer que há um doente, depois é que se descobrem os métodos para o curar", conclui Carlos Fiolhais. Ainda assim, diz poder ler–se nas entrelinhas do texto algumas ideias chave como a qualidade, a avaliação ou o reconhecimento do esforço. Ideias que, no entender do professor de Física da Universidade de Coimbra, deverão nortear a educação para o Portugal do futuro.

### As reservas dos estudantes

Victor Hugo Salgado, presidente da Direcção Geral da Associação Académica de Coimbra (DG/AAC), ironiza, dizendo–se feliz por a sociedade civil, finalmente, ter descoberto que existem problemas na educação. Em consonância com as diversas associações de estudantes do país, a DG/AAC mostra–se, por outro lado, indignada com as proporções que o manifesto tomou: "Os estudantes já têm vindo a reivindicar tudo o que nele se fala e é tão vago que não há como não assiná–lo. Qualquer pessoa que tenha um mínimo conhecimento sobre a educação pode subscreve–lo totalmente, porque é suficientemente vago para tal".

O cepticismo é a nota dominante no discurso do responsável pelos destinos da mais antiga associação académica do país. Salgado crítica ainda o facto de, em toda a discussão em torno do texto por uma melhor educação, não ter havido a preocupação de auscultar os estudantes, aqueles que mais têm a ganhar ou a perder com toda e qualquer mudança do sistema educativo. "Os estudantes foram postos à parte. Em todo o documento são referidos uma única vez como utentes, exclusivamente. Enquanto dirigente associativo, nunca permitirei que o estudante da Universidade de Coimbra seja visto como utente deste ensino", conclui.

Relativamente ao eventual congresso, Vítor Hugo Salgado não concebe um debate sobre a educação sem a participação activa dos estudantes: "Como achamos que os estudantes devem dar continuidade à paridade que tem tido nos órgãos de gestão, fazemo–nos desde já convidados".

A Declaração de Bolonha preconiza a harmonização do ensino superior na Europa

# Por uma educação aos níveis europeus

A preocupação com a harmonização do tema de ensino superior a nível europeu o é uma ideia nova. Em 19 de Junho de 99, os Ministros da Educação de 29 países ropeus assinaram a Declaração de Bolo-a. O documento assinado naquela cidade liana traduz um dos primeiros passos no ntido da adopção de um sistema de graus iversitários comparável entre os países gnatários. Tendo em vista uma dimensão ropeia do ensino superior, a Declaração Bolonha pugna pela promoção da mobiade de estudantes , docentes e investigares e por uma maior cooperação a nível ropeu na avaliação da qualidade do ensie dos diplomas. Ideias que vão de encontro a um incentivo à competitividade do Sistema Europeu de Ensino Superior e que facilitarão a mobilidade e a empregabilidade na Europa.

Apesar de válidas, as intenções da declaração conjunta de Bolonha pecam, no entender dos responsáveis pelo "Manifesto para a Educação da República", por se circunscreverem apenas ao ensino superior. Para Carlos Fiolhais, José Dias Urbano, Guilherme Valente e muitos dos mais de dezasseis mil signatários do documento, os problemas da educação em Portugal só se resolvem com o repensar dos fundamentos pedagógicos, com uma reforma profunda, comparável à que o "O Verdadeiro Método de Estudar" - de Luís António Verney - promoveu no século XVIII. "Nestas coisas nem há muito que inventar - adianta Carlos Fiolhais. Se os outros países estão muitos anos à nossa frente, porque é que não aprendemos com eles e aproveitamos o que eles têm de melhor?"

O "Manifesto para a Educação da República" surge da preocupação em atingir os parâmetros de educação seguidos pelos outros países da Europa. De acordo com o texto, Portugal não foi capaz de renovar o sistema de educação em pontos de viragem da sua história e corre o risco de desperdiçar a melhoria das condições económicas e sociais que têm sido conseguidas em condições bastante favoráveis. A Irlanda, beneficiária dos mesmos fundos de apoio europeus, conseguiu em pouco mais de uma década recuperar de um atraso de quarenta anos. E Portugal?

O manifesto é concludente: "Ao integrar a União Europeia, Portugal mergulhou num grande espaço económico onde o conhecimento é o principal factor de desenvolvimento. Não sendo menos dotados que os outros povos, podemos atingir graus de desenvolvimento equivalentes se for proporcionada educação semelhante. Por isso, é urgente mobilizar as instituições e os cidadãos para a grande batalha por um sistema educativo que possa contribuir para o progresso da sociedade portuguesa".

# Testemunho

Amadeu Carvalho Homem, Professor da Fac. de Letras da UC

O "Manifesto para a Educação da República" surgiu por iniciativa de um grupo de personalidades preocupadas com o futuro dos estudantes portugueses e da Escola em Portugal . No momento em que escrevo, o volume dos apoios recebidos na Internet ultrapassa as dezasseis mil assinaturas. Uma delas é a minha. Os motivos que me levaram a dar ao "Manifesto" o meu apoio reportam–se à justeza do diagnóstico que aí é feito e ao tom cordato, correcto e não–ideológico que dele ressalta.

Segundo me constou, houve sindicatos e sectores estudantis que não rejubilaram com o seu aparecimento. Salvo melhor opinião, essa distância apenas resume uma postura de hipercriticismo e de espírito corporativo que considero deveras lamentável. É que o problema da educação é demasiado importante e demasiado global para poder ser do foro exclusivo de um ou vários sindicatos, de uma ou várias Academias. Dir–se-á que o "Manifesto" não apresenta soluções. É verdade que ele se limita a traçar um diagnóstico, apelando a quem de direito para que essas soluções apareçam ou, pelo menos, se ensaiem.

A questão educativa é uma das mais nucleares questões com que se confronta a República. Assim, a circunstância de ter ocorrido a iniciativa do "Manifesto" e de o vermos secundado por estudantes, professores, funcionários públicos, profissionais liberais, reformados, comerciantes, industriais, em suma, por uma fatia atenta da chamada "sociedade civil" , essa circunstância, repito, só pode ser vista como a prova do alerta necessário, emanado de uma parte desperta e atenta do Povo português. Alerta para as oportunidades desperdiçadas, para o laxismo de vários governantes, para a descrença e incompetência de vários professores (também os há incompetentes, infelizmente ... ), para a desmotivação e absentismo de certos alunos (também os há a desprezarem as Escolas e os conteúdos lectivos, por mais interessantes e úteis que estes sejam, infelizmente ...) e para a tese idiota de que o acto de aprender e ensinar é um acto lúdico, um jogo infantil, onde tudo acontece sem esforço e sem necessidade de dura aplicação. Dizer verdades destas é urgente e imperativo.

Espero que a Academia de Coimbra, na sua parte discente, considere o "Manifesto" como um seu aliado nas reivindicações de melhoria da qualidade do ensino. Espero que os estudantes da maior e melhor Academia portuguesa - a de Coimbra - não secundem a estratégia de grupúsculos comprometidos (sabe–se lá com quê e com quem !), para quem o princípio do "quanto pior, melhor" é uma verdadeira bandeira e uma acarinhada palavra de ordem.

O "Manifesto para a Educação da República" tem todas as condições para desencadear um amplíssimo e participado debate democrático no interior da sociedade portuguesa. Uma das provas dessa realidade é esta colaboração que me foi pedida para o jornal A CABRA, de tão nobres tradições académicas. Tal como me foi dirigido um convite para "dizer da minha justiça", é muito crível e até muito desejável que variadíssimos contributos e posições venham a surgir, nos mais diversos órgãos de comunicação social e até nas conversas informais entre cidadãos. Assim se forma uma opinião pública ao serviço da Democracia. A pior e a mais acéfala atitude que se poderia tomar perante um fenómeno social deste jaez seria a de considerar que os signatários "meteram o nariz onde não eram chamados". A verdade é que somos TODOS chamados a opinar sobre o presente e sobre o futuro do que temos e do que queremos. A verdadeira Democracia não é mais do que o assumir da diversidade de opiniões, convertendo as posições largamente maioritárias em firmes reivindicações dirigidas aos titulares do Poder, que não são mais do que os nossos representantes.

É urgente melhorar o Ensino em Portugal. Isso passa, neste momento, por nos apercebermos da sua enorme degradação. Isso passará , num amanhã que terá de ser quase imediato, por reclamar do Estado e de nós mesmos mais esforço, mais empenho e mais dedicação para com o acto nobilíssimo de ensinar e de aprender.

Saudações calorosas ao jornal A CABRA, que no passado tanto fez pelas liberdades cívicas e pela dignidade da Universidade de Coimbra.

# A manif... dos media, dos oportunistas, dos do costume, dos outros e dos ausentes

Humberto Martins

Subitamente, a meados do mês de Fevereiro de 2002 e curiosamente no dia de Carnaval, o estado da Educação assaltou as primeiras páginas informativas e o debate instalou–se no seio da sociedade civil do nosso país. Mais seria certamente do que uma qualquer partida ou brincadeira alusiva à época, dado envolver um mediático conjunto de autores e protagonistas e o tema merecer, no mínimo, seriedade e rigor (embora nos últimos tempos não tenham sido estas as palavras mais usadas neste contexto).

Falava–se, e fala–se, no Manifesto para a Educação da República.

Contudo, talvez mais do que a análise do conteúdo mais ou menos completo, mais ou menos incisivo do documento, terá especial curiosidade aferir a forma que revestiu a sua divulgação, a sua concordância, a sua oposição e o seu impacto.

Em primeiro lugar pela maneira como surge. Se dúvidas houvesse, mais uma vez se provou que os media têm hoje um papel fundamental acerca da discussão pública, impondo e agendando as discussões que a sociedade quer ou não ter, promovendo as iniciativas ou vontades sobre as quais a sociedade quer ou não pronunciar–se. Desta forma, nada melhor do que uma querela e o despique jornalístico para que uma qualquer iniciativa possa ter um relevante destaque na comunicação social, mesmo que merecido! De igual forma não duvido que, noutro momento, o mesmo documento, o mesmo tema, as mesmas preocupações e os mesmo intervenientes poderiam ser relegados para uma nota de rodapé ou breve e enfadado apontamento em relação a apenas mais uma iniciativa, tão só pelo pouco interesse jornalístico que o timming poderia supor (leia–se sensacionalismo, oportunidade ou furo jornalístico). Afinal não será à toa que ostentam a designação de quarto poder... embora neste caso tenham dado o devido destaque a um tema tão esquecido por quase todos.

Num segundo aspecto, merecem referência todos os que pronta e voluntariamente se associaram à sua subscrição, com a evidente expressão de inúmeros notáveis da opinião e das forças sociais. Com o seu contributo deram inegável importância à discussão e conferiram relevância às preocupações e análises enunciadas. No entanto, talvez uma intrigante questão se coloca: por onde têm andando tantos e tão renomados críticos ao longo dos últimos anos? Talvez aconteça que alguns deles, enquanto ex–responsáveis políticos e agentes educativos e sociais, tenham até contribuído para o actual estado do ensino. Pelo menos pela omissão da sua opinião ou falta de intervenção incorrem desde logo na incoerência da crítica oportunista.

A terceira perspectiva poder–se-á referir também aos que, em função da divulgação do documento, fizeram ecoar os protestos e clamaram pela injustiça, que o documento supostamente enfermaria, por não valorizar os grandes avanços alcançados nesta área. Curiosamente muitos dos que partilharam desta opinião são os que, directa ou indirectamente, são responsáveis, no passado ou presente, pelo actual e sintomático estado do ensino. Contudo uma coisa não se lhes pode imputar... incoerência. Têm sido os mesmos que, ao longo dos últimos anos têm insistido na versão do "mar de rosas educativo" preferindo ignorar a realidade em vez de, com a humildade necessária, assumir as responsabilidades e os compromissos das alterações e correcções mais do que urgentes.

Outra nota merecerá o desafio lançado, ainda no mesmo documento, ao mais destacado representante do país para que, no exercício da sua magistratura de influência, mobilize os esforços e as vontades em torno desta questão, funcionando assim como o catalisador das intenções e necessidades de mudanças educativas. Para já, da parte do Sr. Presidente da República parecem surgir indicativos da vontade de agir, mas será contudo legítimo temer que, tal como noutras iniciativas semelhantes, a necessidade de promover um inócuo equilíbrio na discussão ou a contenção condicionada à expressão circunstancial da realidade, venham a condenar, como já parece ser crónico, o resultado a um pouco mais do que declarações ou considerações cujo verdadeiro alcance fica muito aquém de qualquer praticabilidade ou longe da efectivação, dando apenas significado ao ditado da boas intenções.

Contudo, o sintoma mais preocupante em torno desta iniciativa, será, sem dúvida, o momento em que ela acontece, ou seja, no período que antecede a eleição de um novo governo para o país. Que este tema não seria um cavalo de batalha eleitoral, dado o esquecimento a que tem sido votado, já todos desconfiariam, mas o mais surpreendente terá sido o facto de, após toda a polemização e mediatismo que este manifesto envolveu, não terem surgido, ainda que a título eleitoralista, propostas sobre a educação, os seus problemas ou as suas necessidades. Desta forma, da esquerda à direita, ou vice–versa, não se vislumbram compromissos, promessas ou propostas que respondam a uma das questões que assalta o subconsciente de todos os portugueses: Qual será o futuro?

# Editorial

Sérgio Alves

Não será, absolutamente, de estranhar a facilidade com que diversas questões votadas rotineiramente ao mais profundo obscurantismo assumam de um momento para o outro, em plena arena eleitoral, uma premência diligente e consensual no seio de uma sociedade normalmente autista e angustiantemente conformada. Nesta altura todos parecem despertar subitamente de um sono diletante, gritando a plenos pulmões aquilo que a sua consciência crítica - madura, ponderada e circunstancialmente estimulada - tem para fazer notar no âmbito de determinado campo de intervenção. Questões como a educação - ou, por mero exemplo, as extenuantemente debatidas farmácias sociais - passam subitamente a estar na ordem do dia, sendo incontornável não deixar de torcer o nariz em relação à repentina assunção da realidade, quando pensamos na forma negligente com que são habitualmente consideradas.

Há cerca de dois meses, foram anunciados os resultados de um relatório elaborado pela OCDE no sentido de avaliar as capacidades académicas - em diversas áreas - de jovens de 15 anos em diversos países abrangidos por este organismo. Os resultados, para o nosso país, dificilmente poderiam ser piores: os jovens portugueses estão no grupo daqueles que piores preparados estão a nível educativo. As reacções que se verificaram (ou as que não se verificaram) depois do anúncio dos resultados só nos permitiram concluir que estes dados não só eram esperados como não terão sido (ainda) suficientemente graves a ponto de suscitar uma reflexão profunda, reafirmando–nos a natureza acrítica da sociedade portuguesa tanto em relação a esta questão como em relação a muitas outras.

Esta desejada e sobejamente reivindicada reflexão surgirá no entender de alguns, agora, sob a forma de um texto que para já tem o mérito de conseguir reunir em redor do mesmo problema gentes - tanto anónimas como distintas personalidades - provenientes dos mais diversos quadrantes da sociedade portuguesa. No entanto, não demonstra querer assumir os contornos de uma reflexão espontânea, parecendo antes uma intervenção demasiamente ponderada e presa às circunstâncias.

E, neste sentido, será necessário compreender uma certa incomodidade que este manifesto poderá causar entre os estudantes, aqueles que veêm agora, de forma repentina, ser arrastado até aos escaparates do mediatismo, por individualidades académicas e notáveis da nossa sociedade, aquilo que eles próprios desde sempre reclamaram, de uma forma absolutamente legítima e inexpugnável, sem que alguma vez tenham deixado se sentir que as suas opiniões e as suas reivindicações formavam um enredo de gritos inaudíveis.

A sociedade e a opinião pública são sem dúvida - e por mais que nos custe a admitir - selectivas em relação ao que, a determinada altura, pretendem ouvir e debater, estando essas faculdades dependentes das circunstâncias que as rodeiam e dos interlocutores que as estimulam. Por mais melindrados e injustiçados que se possam sentir em relação a esta realidade, os estudantes não podem deixar de se empenhar em aproveitar este meio que, apesar de tudo, poderá levar ao debate efectivo sobre a educação, uma eventual antecâmara dos objectivos que se pretende atingir. E não só está vedada aos estudantes a hipótese de negligenciar e deixar de participar neste debate como da mesma forma se deve considerar que este debate não pode ter lugar - legítima e efectivamente - sem que os estudantes ocupem a posição que, por direito, deles é inalienável.

Polémica na FCTUC

# Os cursos da discórdia

Jorge Nande

Novas licenciaturas na FCTUC criadas sem o parecer dos conselhos Directivo e Pedagógico

**A polémica está de regresso à FCTUC, desta vez graças ao visto (quando, segundo os regulamentos, devia ser um parecer) dos conselhos Directivo e Pedagógico, permitindo o seguimento do processo de criação de três novas licenciaturas para o Ministério da Educação.**

Adriana Silva Afonso
Patrícia Santos Batista

Pela primeira vez na academia coimbrã, um processo de criação de novos cursos seguiu para o Ministério da Educação (ME) sem contar com o parecer oficial do Conselho Directivo e do Conselho Pedagógico de uma faculdade. "Confrontados com a pressão do tempo, os presidentes desses conselhos entenderam não entravar a proposta", explica Lélio Quaresma Lobo, então presidente do Conselho Científico da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra (FCTUC). Apesar disso, alguns estudantes manifestaram o seu desagrado face à existência de alguns erros processuais.

Segundo o Regulamento Interno da FCTUC, a criação de novos cursos está sujeita à aprovação do Conselho Científico da faculdade e, posteriormente, do Senado, sujeitando–se aos pareceres dos conselhos Directivo e Pedagógico da faculdade.

No caso específico de Comunicações e Multimédia, Engenharia do Ambiente e Engenharia Biomédica , "houve uma ilegalidade em termos administrativos", afirma Pedro Ilhéu, representante dos estudantes nos órgãos de gestão da faculdade. Isto porque após a aprovação por parte do Conselho Científico, e devido a limitações de tempo, os conselhos Directivo e Pedagógico não reuniram de forma a dar o seu parecer definitivo em relação aos cursos. Desta maneira, e para não adiar a criação das licenciaturas por um ano, os presidentes destes conselhos deram o visto ao processo e fizeram–no seguir para Senado.

Porém, durante a reunião de Senado, chegou–se à conclusão que "não se iria aprovar essas propostas uma vez que faltava o aval da Secção de Ensino e Pedagogia do Senado", diz Lélio Quaresma Lobo. Tendo como objectivo a votação dessas propostas, foi agendada uma reunião de senado extraordinária, de onde saiu a aprovação, por maioria, do seguimento dos processos para o ME.

Contudo, a votação ficou marcada pela contestação de alguns senadores, principalmente da parte dos estudantes. Foi o caso de Pedro Ilhéu, que pôs em causa a validade do visto passado pelos conselhos Directivo e Pedagógico. "Para mim, um visto não é uma aprovação e, como tal, o processo não respeita os regulamentos. Para além disso, se bastasse os presidentes assinarem começavamos a eleger presidentes e o resto dos conselhos não interessava".

Por outro lado, Victor Salgado, presidente da Direcção Geral da Associação Académica de Coimbra (DG/AAC), foi um dos estudantes a votarem favoravelmente o despacho do processo. "Existe a necessidade, apesar dos erros processuais, destes cursos em Coimbra. E, além disso, não foi um voto favorável à criação dos cursos, foi um voto a favor do prosseguimento do processo para o Ministério da Educação". Defende, ainda, que "não foi só o presidente da DG/AAC que votou a favor, só três estudantes, entre 25, votaram contra e houve algumas abstenções".

Mas as interrogações continuam. "Em que condições vão funcionar os cursos?", pergunta Pedro Ilhéu. De facto, as condições de funcionamento das licenciaturas foram postas em causa por parte de alguns senadores. Isto porque ainda está fresca a imagem de uma FCTUC com carências financeiras, ao ponto de algumas aulas de laboratório terem sido suspensas por falta de materiais básicos, imprescíndiveis ao seu funcionamento.

Porém, Quaresma Lobo, presidente do Conselho Científico da FCTUC, garantiu ao Jornal A CABRA que "as infra-estruturas existem, mas os cursos não. Espaços não nos faltam, competências científicas também não".

O certo é que, apesar da contestação, Comunicações e Multimédia, Engenharia do Ambiente e Engenharia Biomédica deram já entrada no ME, o qual detém a palavra final quanto à efectiva criação das licenciaturas. Dessa palavra depende, então, a possibilidade de, nos próximos anos, os interessados nestes cursos virem a ser capas negras.

Correio da Educação

# Postais das más notícias

**Os protestos continuam. Depois de manifestações de rua, fecho das faculdades e muitas idas a Lisboa, desta vez os estudantes, com as canetas ainda quentes dos exames, apresentam as suas queixas por escrito.**

Adriana Silva Afonso
Patrícia Santos Batista

Apresenta–se uma queixa, assina–se o postal e coloca–se numa das caixas postais espalhadas pela Universidade. É o Correio da Educação que, sem carecer de selo, leva, até ao Ministério da Educação e ao reitor da Universidade de Coimbra, as dificuldades que os estudantes encaram no seu dia-a dia.

"É uma forma de protesto durante os exames em que é pedida a participação activa dos estudantes", afirma Víctor Salgado, presidente da Direcção Geral da Associação Académica de Coimbra (DG/AAC),

Existem dois tipos de postais: um mais específico, em que cada estudante apresenta aquela que, na sua opinião, é a maior dificuldade com que se depara na sua faculdade e um mais geral onde é feito um apanhado das problemáticas enfrentadas diariamente pelos estudantes da mais antiga universidade do país.

A nível geral, a Lei de Financiamento do Ensino Superior é ainda o principal motivo de protesto. Segundo Víctor Salgado, é importante "a possibilidade de um financiamento que promova o verdadeiro desenvolvimento da qualidade de ensino". Uma acção social limitada, questões pedagógicas e de empregabilidade são outras das preocupações da academia. Assim, o Correio da Educação pretende levantar problemas como "a falta de apoio e desenvolvimento de iniciativas relacionadas com o combate ao insucesso escolar, o 11º mês para os bolseiros, e a falta de um observatório de emprego".

De resto, o principal obstáculo com que os alunos se deparam ao preencher os postais centra–se na escolha, "não sabem o que colocar, pois os problemas são tantos", explica o presidente da DG/AAC. O interesse dos estudantes pela resolução dos problemas da academia é, de facto, notório, pois "a primeira colocação dos postais foi, de imediato, esgotada". No entanto, quanto a resultados práticos, o cepticismo reina: "A altura não foi bem escolhida, estamos em exames", afirma André Oliva, estudante de Medicina. "Só acontece alguma coisa quando tomamos atitudes drásticas, como o fecho das faculdades", acrescenta João Cunha, aluno de Inglês/Alemão, admitindo, no entanto, que esta é uma iniciativa original.

Esta campanha pretende terminar em Lisboa, após a tomada de posse do novo Governo. "Vamos levar os estudantes connosco. Os postais serão entregues em mão" garante Víctor Salgado. "Não temos capacidade económica para enviar cerca de 8000 postais".

À partida, o Correio da Educação é já uma aposta ganha. "Pressionar o reitor no sentido de resolver os problemas; sermos os primeiros a chegar ao novo Ministério da Educação; e a consciencialização, por parte dos alunos, dos problemas da Universidade de Coimbra", são, para o presidente da DG/AAC, os três aspectos fundamentais que dão um saldo positivo a esta iniciativa.

Para que todos possam participar e escrever um postal, a última tiragem do Correio realiza–se cerca de cinco dias após o término da época de exames. Até lá basta pensar numa queixa, pegar numa caneta e assinar. Os postais estarão espalhados pelos quatro cantos da universidade.

Críticas à Reitoria e ao Ministério da Educação na volta do correio

Universidade cada vez mais de Coimbra

# Universidade regional

**Nos últimos anos a Universidade de Coimbra (UC) vem registando um aumento significativo no número de alunos provenientes do distrito de Coimbra e dos distritos vizinhos. Segundo dados oficiais, a UC tem vindo a transformar-se numa universidade de cariz mais regional.**

Anselmo Câmara
Tiago Carvalho

Hugo Pascão

A Universidade de Coimbra de hoje: reflexo dos novos tempos ou incapacidade de renovação?

A Universidade de Coimbra tem vindo a sofrer um progressivo processo de "regionalização", o que a leva a ser vista cada vez mais como uma "universidade das beiras", tendência esta confirmada pelos números a que o Jornal A CABRA teve acesso. Várias foram as razões que terão conduzido a esta alteração, desde o surgir de novas universidades e escolas superiores a mudanças na sociedade, proporcionando modificações a nível pessoal dos estudantes e uma nova maneira de pensar os cursos por todo o país.

A UC sempre foi um ponto de referência no panorama do ensino superior nacional, não só pelo seu prestígio, mas também pelo facto de haver poucas universidades no país, sendo ambicionada pela maior parte dos estudantes que pretendiam ingressar no ensino superior. Deste modo, os estudantes que a frequentavam eram oriundos de todas as zonas do país, de norte a sul, passando pelas ilhas, sendo que a maioria dos estudantes vinha precisamente de fora de Coimbra - Coimbra era, na esmagadora maioria dos casos, a primeira opção para todos aqueles que a podiam frequentar.

Actualmente, esta situação modificou–se e na sua origem encontram–se várias causas. O aparecimento de outras universidades e escolas superiores de educação, dotadas de novas infra–estruturas e oferecendo novos cursos, levou a que cada vez mais os estudantes da UC sejam provenientes da região de Coimbra, quer da própria cidade, quer dos núcleos populacionais mais próximos. A vontade de ficar mais próximo de casa leva a que as pessoas prefiram ingressar em universidades situadas mais próximo da sua área de residência. Tal deve–se, em parte, a uma cada vez maior articulação entre os estudantes e as suas famílias. Este facto é visível através da maneira de estar dos estudantes na universidade, dado que, regra geral, no passado, só iam a casa de vários em vários meses, enquanto que agora a tendência é para voltarem à sua residência parental todas as semanas.

### Concorrência universitária

Um outro motivo que levou à redireccionação da preferência dos estudantes para outras universidades foi, segundo Rui Bebiano, docente da Faculdade de Letras da UC (FLUC), "o facto de esta não ter vindo a apostar numa renovação, quer em termos de infra–estruturas, quer no caso de alguns cursos. Aliada a essa não renovação, surge a falta de publicidade por parte da universidade em relação ao que nela as pessoas podem encontrar, tendo–se apostado na tradição como atractivo suficiente para levar os estudantes a procurar a mais antiga universidade do país".

Na opinião de Rui Bebiano, verifica–se uma diminuição do número de estudantes (a um nível geral), pelo que há que contrapôr esta diminuição do número de alunos com uma maior oferta de qualidade. O professor aponta como possível saída para esta situação a transformação dos cursos, tendo em vista "a realização de mais trabalhos práticos e uma participação mais activa ao nível da formação". Deste modo, esta re–organização permitiria aos estudantes escolher de entre uma vasta gama de cursos especificamente virados para a actividade profissional, se bem que na sua opinião, algumas áreas requeiram uma componente teórica bastante forte, que permita assim fazer uma preparação de base. Por outro lado, segundo o docente, deveria haver uma maior aposta na qualidade das universidades, podendo proceder-se à elaboração de um ranking das mesmas: "isto pesaria na escolha das pessoas, pois estas, quando confrontadas com os vários níveis de universidades existentes, seriam levadas a reconhecer que em determinadas áreas o curso até pode ser mais difícil, eventualmente, mas é um curso do qual as pessoas saem melhor preparadas e, portanto, na vida profissional têm outras capacidades. Esta seria uma tentativa de contrariar a regionalização da Universidade Coimbra", conclui o professor da FLUC.

### Perda de prestígio

Confrontado com o facto da universidade estar a perder prestígio a nível nacional, Rui Bebiano é peremptório: "a Universidade de Coimbra devia assumir que já não é necessariamente aquela universidade de referência; as pessoas só iam para as outras (universidades) se não pudessem vir para Coimbra. Hoje, em muitas áreas, não é necessariamente assim: há áreas em que a UC continua a ser uma universidade de referência; porém, noutras, há outros estabelecimentos de ensino mais capazes. Talvez fosse bom para a Universidade de Coimbra assumir isso: em vez de ficar preocupada com o facto de estar a perder prestígio, deveria assumir que deixou de ser uma universidade nacional, é cada vez mais uma universidade com um âmbito mais regional", rematou.

Com uma opinião um pouco diferente, Fausto Cruchinho, também docente da FLUC, afirma que este problema não é tão grave no que à "regionalização" da universidade diz respeito e que a tradição coimbrã não está em risco, pois é mantida e assegurada pelos próprios estudantes. Por outro lado, o docente diz que em Coimbra existe bastante qualidade, quer ao nível das pesssoas - estudantes e docentes - quer ao nível daquilo que é oferecido e promovido pela universidade. No reverso da moeda, segundo este, encontra–se a fraca qualidade em termos do funcionamento interno da UC e um grave problema nas infra–estruturas. Em contrapartida, defende que seria positiva uma maior abertura no leque de escolhas do ensino superior para uma maior oferta de qualidade.

Dados comprovam aumento do grau de regionalização da Universidade de Coimbra

# Estatísticas e números

Nos dados oficiais dos serviços administrativos da UC relativos aos últimos cinco anos, pode comprovar-se que o número de estudantes que ingressaram neste estabelecimento de ensino são na sua maioria da cidade ou do distrito de Coimbra, bem como dos distritos mais próximos (Aveiro, Viseu e Leiria). Estes dados demonstram que existe uma efectiva "regionalização" da UC, marcada ao nível quer de cursos já com longas tradições, quer ao nível de cursos recentemente criados.

Um dos cursos onde se nota bastante que o número de estudantes da zona de Coimbra é superior ao dos estudantes oriundos do resto do país, é, sem dúvida, o curso de Direito. Nos últimos cinco anos entraram 547 estudantes só da cidade de Coimbra: em dados estatísticos, isto representa que, em média, entram por ano 109,4 estudantes provenientes de Coimbra no curso de direito da UC.

O mesmo se passa em Medicina, assistindo–se a um elevado número de estudantes de Coimbra que optam por ingressar na UC. Assim, no ano lectivo de 1997/1998 entraram 52 conimbricenses para o curso de medicina. Nos anos seguintes assistiu–se a um progressivo aumento deste número, o que se traduziu, objectivamente, numa menor taxa de indíviduos deslocados a estudarem a ciência de Hipócrates na UC.

Mesmo nos cursos recentemente abertos, especificamente no caso do curso de Administração Pública, aberto no ano lectivo de 2001/2002, verifica–se que o número de estudantes originários da zona da Lusa Atenas e áreas circundantes é bastante superior ao dos provenientes do resto do país: das 46 vagas disponíveis, 29 foram ocupadas por naturais de Coimbra, Aveiro, Viseu ou Leiria.

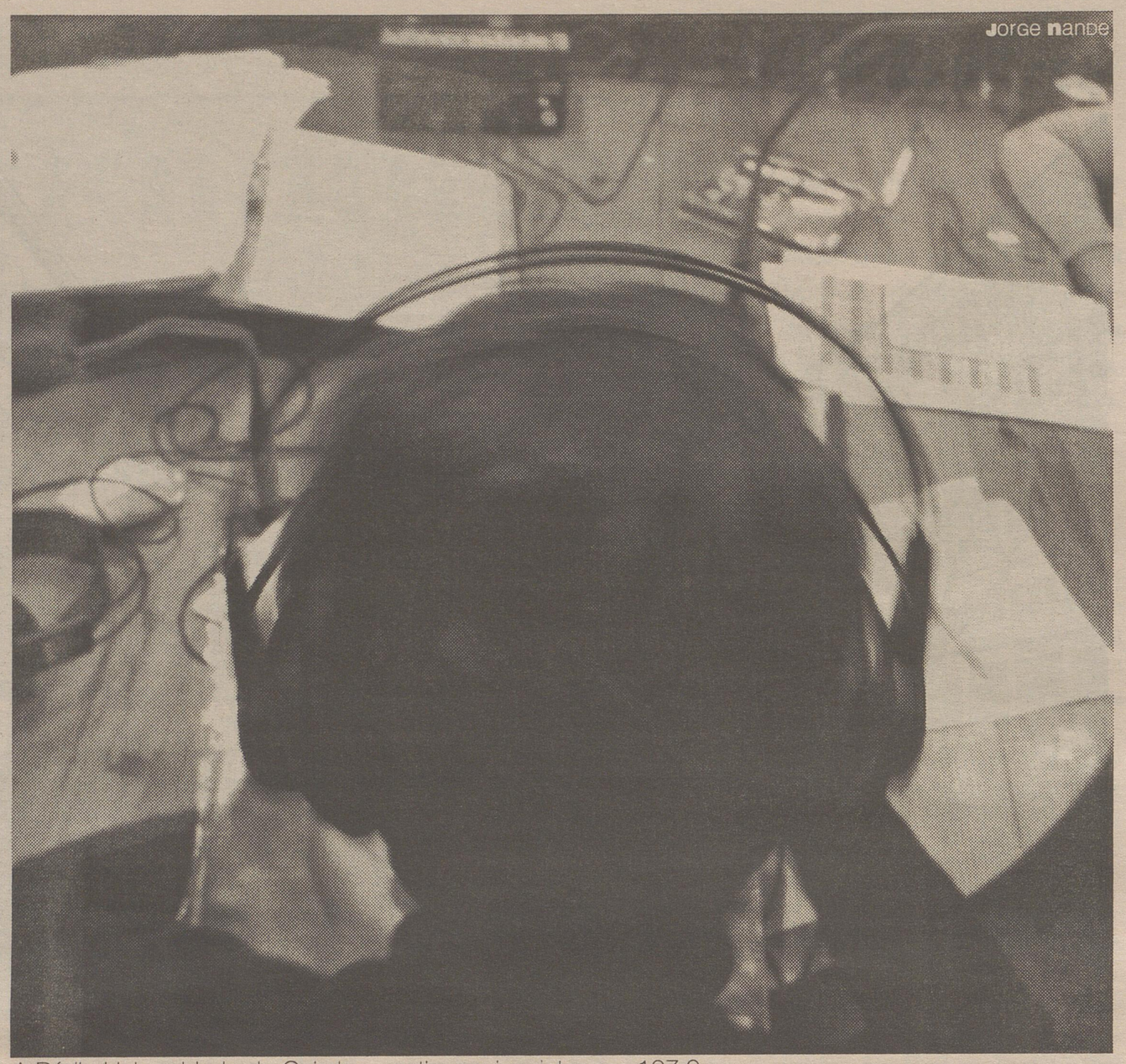
Em suma, estes dados não serão, para muitos, expressão de que a UC esteja a desvalorizar–se, mas antes de que cada vez mais existe uma maior abertura de mercado e uma maior oferta de cursos, os quais apresentam um crescendo de qualidade, quer em termos de estrutura, quer em termos de recursos humanos. Desta forma, caberá aos responsáveis pela UC dinamizar o funcionamento desta estrutura de ensino superior, visando, desta forma, recuperar o seu lugar como universidade nacional.

As dezasseis doces primaveras da RUC

# Sonoridades etéreas

**A Rádio Universidade de Coimbra (RUC) comemora o seu 16º aniversário no próximo mês de Março com um vasto conjunto de eventos. Entre emissões especiais, projecção de vídeos e um debate, destaque para o concerto dos emergentes The Parkinsons.**

Gustavo Sampaio



A Rádio Universidade de Coimbra continua a inquietar nos 107.9

A RUC completa mais um ano de emissão nos 107.9 da FM e promete animação durante um mês inteiro. As festividades englobam concertos e outras actividades culturais. The Parkinsons e Três Tristes Tigres têm presença assegurada no certame, em conjunto com outros eventos já tradicionais na comemoração desta data.

O primeiro dia de Março marca o arranque das festividades com a inauguração simbólica do remodelado site da RUC. A CABRA contactou Hugo Ferreira, novo presidente da RUC, que mencionou a "funcionalidade e interactividade" como objectivos principais do site que apresenta uma nova dinâmica gráfica. No dia seguinte, inicia-se um workshop de rádio organizado pela RUC com o intuito de fomentar a actividade radiofónica. Com um carácter essencialmente lúdico-recreativo, o mini-curso poderá também servir como "captação de novos talentos", uma possibilidade sublinhada por Hugo Ferreira, que recomenda vivamente a participação nesta actividade. De maneira a criar uma maior empatia entre a rádio e o ouvinte, uma simbiose "essencial à actividade radiofónica" - conforme refere o próprio presidente da RUC -, o workshop decorrerá de 2 a 15 de Março e será ministrado por elementos internos da rádio.

### O início das comemorações

No dia 5 de Março sobem ao palco do Teatro Académico de Gil Vicente (TAGV) os Três Tristes Tigres, num concerto co-produzido pela Linha SOS Estudante. Com ingressos de entrada a um preço simbólico de um euro, este concerto tem em vista a apresentação da compilação "Visita de estudo" e promete surpreender pela sua componente audiovisual. Para Hugo Ferreira, o som pop delicodoce da banda lusa proporcionará decerto "um dos momentos altos de toda a programação". Mais tarde, de 11 a 14 de Março, terá lugar no Mini-Auditório da AAC a terceira edição do Ciclo de Imagens RUC, um evento que prevê a exibição de vídeos musicais de Tom Waits, Serge Gainsbourg, Radiohead e Air. Nos dias 15 e 16 de Março, no bar Le Son, na Pedrulha, decorre o Festival Santos da Casa com programação ainda por definir. Um evento que incidirá sobre bandas locais de acordo com a própria filosofia do homónimo programa da RUC. A programação prevê ainda um debate a decorrer no TAGV no dia 20 de Março. "A rádio enquanto serviço público" servirá de mote a uma discussão com representantes de diversas rádios nacionais como a Antena 1, a Antena 3 ou a TSF.

### The Parkinsons em Coimbra

O ponto alto do programa surge no dia 21 de Março. Agendado para o bar Le Son, o primeiro concerto dos The Parkinsons em solo nacional promete uma grande afluência de público e gera um indisfarçável entusiasmo. Esta expectativa é confirmada por Hugo Ferreira que considera este concerto como um "reconhecimento" por parte de alguns elementos da banda, antigos membros dos Tédio Boys, pela projecção inequívoca do seu trabalho pela RUC, que "sempre os apoiou". Antecedidos pelos D30 de Toni Fortuna, outro ex-Tédio Boys, os The Parkinsons sobem ao palco para um concerto que se prevê explosivo. A receptividade por parte da sempre exigente imprensa britânica tem sido bastante animadora e as suas prestações ao vivo são alvo de rasgados elogios. Considerados como uma das melhores bandas punk-rock dos últimos tempos e frequentemente comparados com os Sex Pistols, a banda de abertura do último festival de Reading, expulsa do evento devido a um incidente que envolveu os The Strokes, prevê a edição do seu primeiro disco em breve pela Fierce Panda. O concerto servirá de doce aperitivo para uma banda ainda algo desconhecida entre nós.

A RUC está de parabéns e os festejos prometem animação. Hugo Ferreira considera este conjunto de eventos como uma forma de "cimentar a posição da RUC a nível local e nacional". Um programa que dinamiza indubitavelmente a actividade cultural da academia e "afirma a RUC como um projecto singular no panorama geral radiofónico". A singularidade que pressupõe elementar virtude.

Começam os preparativos para a festa

# "Para uma grande Queima"

**Depois de tomar posse, a Comissão Central da Queima das Fitas 2002 já começou a trabalhar para aquela que é a mais conhecida semana académica do país. Ao mesmo tempo, o relatório de contas da Queima das Fitas 2001 viu dois dos pelouros levarem um voto negativo por parte da Comissão Fiscalizadora.**

Daniela Pereira

A Queima das Fitas 2002 já começou a carburar. Neste momento, a Comissão Central da Queima das Fitas (CCQF) "encontra-se a elaborar os orçamentos das actividades, que já estão bastante adiantados" e irá, dentro em breve, apresentar o programa definitivo da Queima das Fitas. Entretanto já foram abertos, nomeadamente, as pré-inscrições para os carros e os concursos para a produção dos espectáculos e cartaz da Queima, cujo resultado deverá ser conhecido no início de Março.

Este ano, a CCQF é presidida por João Arruda, da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, estando a tesouraria a cargo do comissário Hugo Teixeira, da Faculdade de Economia. Nos pelouros podemos encontrar Geraldo Ribeiro - da Faculdade de Direito -como responsável pela cultura, Cristiano Ribeiro - da Faculdade de Desporto e Educação Física - no pelouro de desporto, na organização dos bailes, Mariana Silva - da Faculdade de Letras - e Bruno Nunes - da Faculdade de Farmácia - como coordenador do cortejo e garraiada. A produção do parque ficou a cargo de Miguel Ventura, da Faculdade de Ciências e Tecnologia, e as infra-estruturas ao cuidado de Pedro Ferreira, da Faculdade de Medicina.

Encarando este novo desafio de organizar uma Queima e com vontade de trabalhar o melhor possível, os comissários esperam que este ano tudo corra pelo melhor possível, sem as habituais pequenas polémicas, que todos os anos acabam por ensombrar a grande festa dos estudantes de Coimbra.

### Outra garraiada

Apostando na inovação para a "realizar a melhor Queima de sempre", a comissão está a estudar a hipótese de este ano a garraiada não decorrer como habitualmente na Figueira da Foz, por esta já não oferecer as melhores condições logísticas e financeiras.

Em declarações ao Jornal Universitário de Coimbra A CABRA, João Arruda afirmou que, nos últimos anos, a Figueira da Foz provou não ser o local ideal para a realização da garraiada, razão pela qual procuram uma alternativa "que ofereça as melhores condições". De momento, Tomar é a alternativa mais viável e apelativa, "mas nada está ainda definitivamente decidido. Continuamos em conversação e abertos a novas sugestões de outros lados".

### Fiscalizar para evitar o passado

Na Comissão Fiscalizadora, os orçamentos já começaram a ser elaborados para delimitar os gastos de cada pelouro. Segundo João Luís Jesus, membro desta comissão e também Dux Veteranorum, "está-se ainda em fase de estudo pura e simples", não sendo ainda possível traçar uma imagem concreta do ponto de situação dos trabalhos por estar tudo ainda num estado embrionário.

A mesma comissão deu entretanto o seu parecer favorável sobre o relatório final da Queima das Fitas 2001 recentemente apresentado. Contudo, alegando "contigências relacionadas com o desenvolvimento da actividade dos seus responsáveis", o pelouro da presidência e o da produção do parque viram chumbada a apresentação final dos seus trabalhos por parte da Comissão Fiscalizadora. O pesado investimento feito pela presidência em "merchandising" que acabaria por não ser comercializado, e a tardia entrega do orçamento para a produção do parque - que acabou por não permitir uma tomada de posição por parte da comissão devido à proximidade da semana da Queima - foram as razões evocadas para esta reprovação.

Políticos de renome candidatam–se por Coimbra

# Votos para dez deputados

**Bipolarização marca eleições legislativas em Coimbra. O PSD está confiante, o PS prudente.**

José Carlos Santos

Eleições legislativas agitam panorama político conimbricense

O Partido Socialista (PS) e o Partido Social Democrata (PSD) apostam forte nos cabeças de lista à Assembleia da República por Coimbra. Almeida Santos e Dias Loureiro são, respectivamente, as figuras de topo dos dois maiores partidos que, à partida, terão mais possibilidades de eleger os dez deputados correspondentes ao círculo eleitoral de Coimbra. A Coligação Democrática Unitária (CDU), embora se afigure difícil, aspira ainda à eleição de um deputado - Mário Nogueira - algo que já não acontece desde 1987.

Depois de ter eleito seis parlamentares nas eleições legislativas de 1999, o PS entende que "um bom resultado é ter mais votos que o PSD, independentemente de ter mais um mandato", clarifica Luís Parreirão, presidente da Federação Distrital do PS. Os sociais democratas, pelo contrário, são bem mais ambiciosos. Para Paulo Pereira Coelho, presidente da Distrital do PSD, "ganhar é ter seis ou sete mandatos", afirma confiante, devido ao bom resultado alcançado pelo partido fundado por Sá Carneiro nas eleições autárquicas. Na verdade, se os resultados das legislativas fossem iguais aos das autárquicas de Dezembro, o PSD obteria seis parlamentares contra quatro do partido rosa.

### Da Assembleia para o Governo

Nestas eleições joga–se também o peso de Coimbra num futuro Governo. Assim, a lista do PSD apresenta, pelo menos, um "ministeriável" e dois possíveis membros de um eventual governo chefiado por Durão Barroso. Dias Loureiro, presidente do congresso do PSD, é um dos nomes mais falados para a pasta da Administração Interna, ministério que ocupou durante o consulado de Cavaco Silva. "Trata–se de um político notável e reflecte a aposta forte do partido na região", afirma Pereira Coelho acerca do dirigente "laranja", que tem ligações familiares a Coimbra. O próprio líder da distrital e número dois da lista afigura–se como um potencial Secretário de Estado das Comunidades. O mesmo se passa com Massano Cardoso, médico, mais conhecido como membro da Comissão Científica Independente que está a avaliar o impacto na saúde da co–incineração em Souselas. O professor da Faculdade de Medicina é apontado, por alguns, como eventual Secretário de Estado do Ambiente.

Caso o PS ganhe as eleições de 17 de Março, da lista candidata depois de um longo percurso como deputado durante nove legislaturas que culminou com a presidência da Assembleia da República desde 1995. A aposta no presidente do PS para encabeçar a lista é, de resto, para Luís Parreirão, "não só uma honra como também uma grande responsabilidade".

### A luta contra o voto útil

As restantes forças políticas não terão, à partida e segundo os últimos resultados eleitorais, hipóteses de eleger deputados. Ainda assim, procuram lutar contra o voto útil numas eleições, segundo vários analistas, bipolarizadas e afirmar a sua expressão nacional. O Centro Democrático Social/Partido Popular (CDS/PP) apresenta o médico João Serpa Oliva, depois de um processo conturbado em que o nome de Luís Pinho dos Santos tinha sido anunciado como cabeça de lista e afastado à última da hora por decisão de Paulo Portas. Depois de ter sido candidato em 1995 pelo Partido Socialista Revolucionário, o médico António Marinho volta agora para liderar a lista do Bloco de Esquerda (BE). O Partido Comunista dos Trabalhadores Portugueses/Movimento Reorganizativo do Partido do Proletariado (PCTP/MRPP) candidata João Paz como cabeça de lista pelo distrito; por seu turno, o Partido Popular Monárquico (PPM) apresenta o presidente do partido Pignateli Queirós enquanto o Partido Humanista lança Alice Ribeiro, funcionária pública. Por fim, o Partido Nacional Renovador (PNR), de tendência marcadamente nacionalista, candidata–se pela primeira vez a eleições legislativas com Luís Henriques a chefiar a equipa.

Estudantes candidatos a deputados

# De capa e batina na Assembleia da República

Claudia Rodrigues
Mário Guerreiro

As legislativas antecipadas de 17 de Março, com todas as particularidades sobejamente conhecidas, apresentam ainda outra. A presença de estudantes da Universidade de Coimbra (UC) nas listas de deputados à Assembleia da República, à imagem de anos anteriores. Este ano são eles João Oliveira, pela CDU, e Miguel Coleta pelo PSD.

### João Oliveira, de Direito para a AR

Joao Oliveira, estudante do 5 º ano de Direito foi este ano convidado para fazer parte integrante das listas da CDU à Assembleia da República (AR). Oliveira ocupa o 7º lugar pelo círculo distrital de Coimbra. O candidato, conta já com alguma experiência a nível de associativismo. No presente ano foi um dos dois candidatos à presidência da Direcção Geral da Associação Académica de Coimbra, e no segundo mandato de Humberto Martins assegurou o cargo de provedor do estudante.

O candidato a deputado afirma que a sua participação na lista da CDU se deve a "um convite" que lhe foi endereçado pela coordenadora da CDU. A decisão de aceitar esse mesmo convite decorreu da sua "vontade de dar um contributo positivo para a construção do programa para o debate eleitoral de 17 de Março".

A inclusão de estudantes nas listas partidárias constitui uma mais valia, aproximando–as da "realidade quotidiana vivida no ensino superior" e a "possibilidade de encarar os problemas sobre uma perspectiva mais prática". Áreas como juventude, educação, emprego e habitação, são áreas que, segundo Oliveira mais usufruem com a participação destes jovens candidatos. Natural será pensar que, numa lista onde pontificam figuras já habituadas a estas andanças políticas, possa haver um certo menosprezo em relação a nomes provenientes das salas de "aula". João Oliveira recusa por completo esta ideia e adianta que "no quadro da CDU" se verifica uma aceitação muito positiva desta estirpe de candidatos, até porque "representam uma contribuição desligada da alta política". Oliveira fundamenta esta atitude com a política preconizada pela CDU, que "tem em vista a abrangência dos mais variados estratos sociais e etários". Quando questionado sobre a maneira como encara uma plataforma política estudantil, constantemente mencionada como garante da resolução dos problemas do ensino, João Oliveira mostra–se renitente. Sublinha que estas "pecam pela diferenciação política interna", e pela sua "curta longevidade", já que o percurso de um estudante do ensino superior é normalmente de cinco anos.

### Miguel Coleta, o social–democrata aluno de Farmácia

O 5º lugar da lista de candidatos à AR, pelo círculo distrital do PSD, é ocupado por Miguel Coleta, actual estudante da Faculdade de Farmácia da Universidade de Coimbra (FFUC). Coleta licenciou–se em 1995 pela FFUC e está neste momento a tentar concluir o seu doutoramento. De acordo com o próprio, a sua participação resulta de um "coroar político" e de uma vontade de dar um contributo político positivo. O social–democrata é um apologista da participação dos estudantes na política, devido "à sua maior abertura de espírito", que adianta, resulta em soluções de um "valor acrescentado para o processo político".

Na opinião deste candidato, a possiblidade de uma plataforma estudantil de pretensões políticas é completamente desprovida de sentido e encara-a com cepticismo. "A união nacional como forma de resolver problemas é uma coisa do passado", na medida em que uma plataforma deste tipo "reúne pessoas com visões e conjuntos de soluções muito díspares".

Miguel Coleta, através da sua experiência, afirma não haver no PSD qualquer tipo de discriminação em relação àqueles que, enquanto estudantes têm também como pretensão um lugar nas bancadas da AR. Considera aliás que a "motivação política" e o "percurso profissional" devem seguir percursos paralelos, e não constituem obstáculos à validade do seu contributo.

Obras revelam artefactos arqueológicos

# Café Santa Cruz remodelado

**Depois de seis anos à espera da aprovação do Instituto Português do Património Arquitectónico (IPPAR), o café Santa Cruz procedeu à remodelação do seu espaço. Da restauração resultou a descoberta de mais uma relíquia do único café histórico da cidade e na criação de mais um espaço cultural.**

Helena Marques

Azulejos do século XIX encontrados no Café Santa Cruz

Após um moroso processo burocrático junto do IPPAR, os sócios do café vêem, finalmente, concretizado o projecto por que há muito ansiavam. Esta espera e solicitude pelo projecto de remodelação justifica–se pelo facto do Café Santa Cruz ter o estatuto de monumento nacional. A preocupação dos actuais gerentes foi desde sempre não alterar a linha arquitectónica original. Deste modo "todos os materiais e técnicas adoptados foram previamente estudados pelo nosso arquitecto e pelo IPPAR, sob a orientação da arqueóloga Helena Frade", afirma Paulo Gonçalves, um dos três sócios da gerência, em entrevista ao Jornal Universitário A CABRA.

A grande surpresa resultante desta restauração foi a descoberta de um painel de azulejos abaixo do nível do chão do café. "Trata–se de um painel de azulejos azuis e brancos, com dois anjos com uma palma cada um que datam do século XIX", conta a arqueóloga. Apesar de admitir a existência de outros painéis, optou por proceder unicamente ao tratamento e isolamento dos azulejos descobertos, "pois o sistema delicado de canalização do café poderia prejudicar os possíveis restantes painéis."

Relativamente ao financiamento para a remodelação do espaço "fomos nós que pagámos tudo, pois se assim não fosse talvez as obras ainda nem sequer tivessem começado" lamenta Paulo Gonçalves. Posteriormente irão tentar entrar em diálogo com a Câmara Municipal de Coimbra, mas reconhecem desde logo a dificuldade que irão ter em conseguir qualquer tipo de apoio, já que não irá unicamente depender da vontade da autarquia.

"Tornar o Café num espaço mais cultural e dinâmico", é um dos objectivos que também pretendem concretizar. "Recebemos muitas propostas para realização de eventos culturais" ,neste sentido a transformação mais significativa foi o aproveitamento de uma antiga zona de serviço (que antes de 1974 era o espaço onde se encontrava o balcão do café e restaurante) para um palco. Este palco servirá para acolher actividades culturais como espectáculos musicais, exposições, peças de teatro, recitais de poesia, por exemplo de forma a dinamizar o espaço e "revitalizar a Baixa de Coimbra."

O típico mobiliário de madeira de tons negros foi mantida, assim como os candeeiros que "pendem" sobriamente do tecto abobadado do Café Santa Cruz. O pavimento, o balcão e as casas de banho foram os espaços que sofreram as alterações mais profundas.

Mas se o tempo obrigou o Café Santa Cruz a mudar de imagem, decerto que a vontade com que se lá ia não irá mudar. Assim esperam os sócios e os empregados de mesa. O Sr. Costa, o empregado mais antigo da casa, afirma que esta remodelação "já era necessária e irá permitir um melhor serviço aos clientes".

A abertura do café está prevista para princípios do mês de Março. A Oficina de Poesia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra será a primeira a usufruir do palco do Santa Cruz no dia 6 de Março, com o lançamento do número zero da segunda série da Revista Oficina de Poesia.

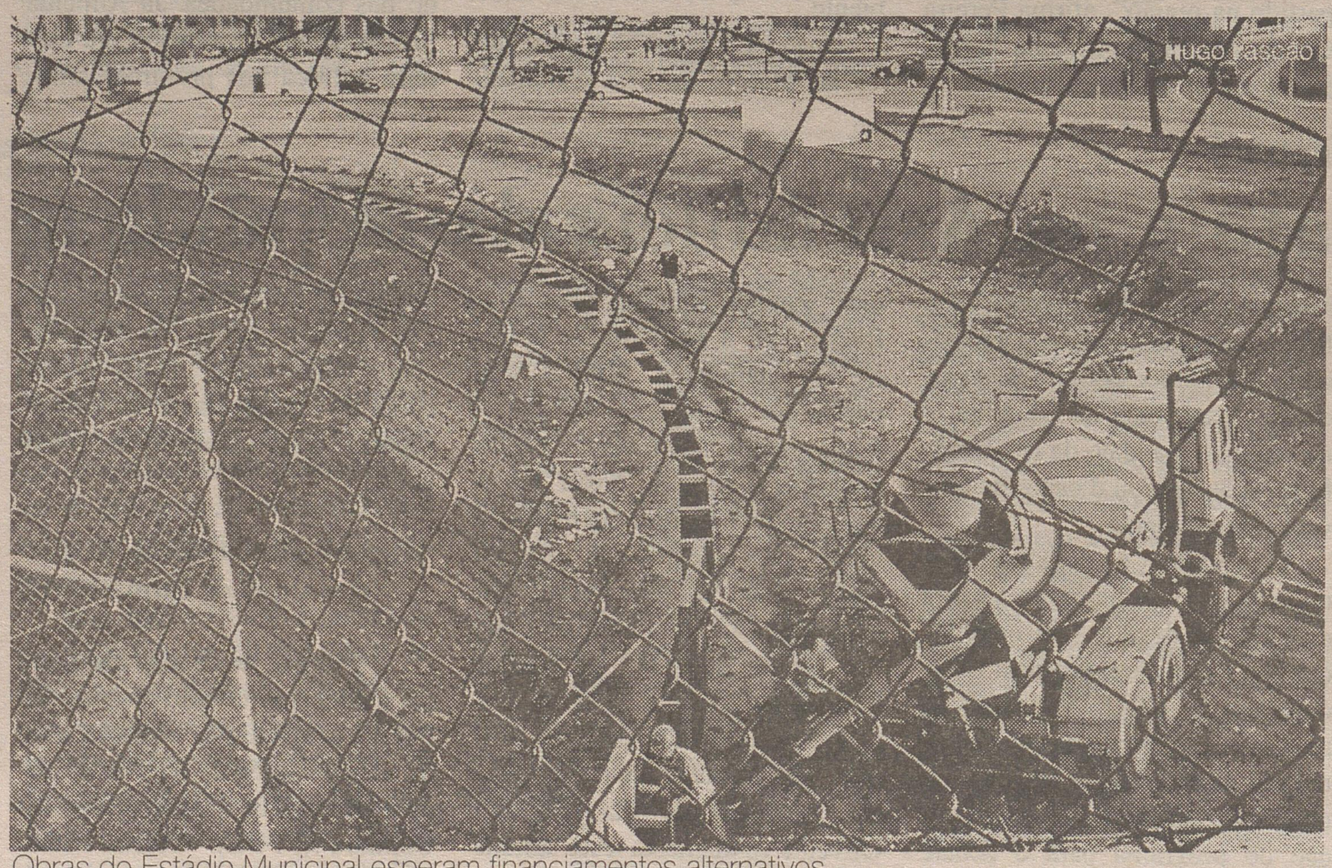
### O fim dos cafés históricos

"Penso que é um crime permitir que cafés como o Arcádia e o Brasileira desapareçam". É assim que Paulo Gonçalves vê o desaparecimento dos cafés históricos da cidade de Coimbra. "Os hábitos das pessoas mudam, a Baixa de Coimbra já não é o que era, o monopólio das roupas oferece propostas demasiadamente aliciantes para que, por vezes, os gerentes deste tipo de cafés recusem". E assim vemos "tristemente cafés como a Brasileira (1921-1997), Arcádia (1947-2000), Internacional e a serem vendidos para empresas de roupa e multinacionais", como o Mandarim que deu lugar a mais uma filial da cadeia internacional McDonalds. "Também nós recebemos propostas do McDonalds, mas prontamente recusámos", recorda Paulo Gonçalves. Os actuais gerentes do café afirmam ter orgulho em permitir que não aconteça ao Santa Cruz o que já aconteceu aos seus congéneres, "por isso nos empenhamos em que o espaço se torne cada vez mais agradável e frequentado". "Penso que é um crime permitir que cafés como o Arcádia e o Brasileira desapareçam", lamenta o gerente.

# Vinte anos de euro–dívida

**Com as obras para o Campeonato Europeu de Futebol 2004 a exigirem mais verbas que as anteriormente atríbuidas pelo Governo, o executivo camarário de Carlos Encarnação decidiu recorrer à banca para financiar o projecto.**

Carolina Ferreira



Obras do Estádio Municipal esperam financiamentos alternativos

A Câmara Municipal de Coimbra (CMC) decidiu contrair um empréstimo de 35 milhões de euros (sete milhões de contos) para garantir a realização das obras no Estádio Municipal e a consequente participação no Campeonato Europeu de Futebol de 2004. A dívida, a pagar no prazo de 20 anos, deverá ser disseminada por várias instituições bancárias. Prevê–se, no entanto, que ainda em 2002 a autarquia terá de pedir mais dinheiro à banca.

A reunião camarária de 18 de Fevereiro constituiu o cenário da decisão, que se justifica pela previsão de um saldo negativo para este ano na ordem dos 67,5 milhões de euros (13,5 milhões de contos). A remodelação do Estádio Municipal é responsável por parte deste défice, na medida em que, a partir de Maio, irá custar à CMC cerca de três milhões e meio de euros (700 mil contos) mensais. Sem o empréstimo, não haveria condições financeiras para pagar esta quantia.

A intervenção no complexo desportivo vai custar no total 42,5 milhões de euros (oito milhões e meio de contos) e inclui a construção de um parque de estacionamento, de acessibilidades e de espaços comerciais. O apoio do Instituto Nacional do Desporto limitou–se às obras na arquitectura do próprio estádio. Sem outros recursos de financiamento, e após a recusa do Governo em acrescentar novas ajudas, a solução encontrada pela CMC foi recorrer ao pedido de empréstimo.

Esperam–se agora as propostas bancárias, a submeter posteriormente à análise de uma comissão especial e da Assembleia Municipal. Pretende–se dinheiro em conta–corrente, para ser gasto consoante as necessidades. O empréstimo, todavia, apenas receberá materialização dentro de dois ou três meses.

Apesar deste endividamento, a autarquia continuará com um saldo negativo de aproximadamente 30 milhões de euros (seis milhões de contos). Este défice resulta dos compromissos formalizados em 2001 pela anterior edilidade socialista, derrotada nas eleições de Dezembro passado. Por isso se antevê a possibilidade de ser necessário recorrer uma segunda vez à banca ainda durante este ano.

Aparentemente não se vai ultrapassar a capacidade de endividamento da CMC, pelo que se mantém algum espaço de manobra no que toca a transacções financeiras. A dívida enquadra–se, portanto, dentro dos limites legais. Espera–se depois que as novas infra–estruturas na área circundante do estádio, tais como o estacionamento e as lojas, consigam colmatar este investimento e ajudar a pagar o empréstimo.

A Alta de Coimbra vai ter mais ajuda

# Património mundial só depois das obras

**REHABITA é o programa de apoio à reabilitação urbana que pode vir a ser usado desde que se acordou em reunião camarária a delimitação de uma área crítica de intervenção na Alta de Coimbra. Embora com mais poderes, a câmara afirma a importância que tem a adesão consciente dos proprietários.**

Diogo Serras

Jorge nande

"A degradação dos imóveis é culpa dos proprietários"

"As pessoas tentam passar as responsabilidades delas para a câmara. Se as pessoas colaborarem nos esforços que a câmara está a fazer e aderirem aos programas, mais depressa se recupera a Alta", afirma Sidónio Simões, chefe da Divisão de Recuperação do Centro Histórico da Câmara Municipal de Coimbra (CMC). Refere–se nomeadamente ao REHABITA - Regime de Apoio à Recuperação Habitacional em Áreas Urbanas Antigas -, mecanismo auxiliar que é mais um passo para o processo de candidatura daquela zona à classificação de Património Mundial pela UNESCO.

O REHABITA é um programa estatal de recuperação e reconversão urbanística aplicável em áreas declaradas críticas. A classificação da Alta como zona crítica de Coimbra carece ainda da aprovação da Assembleia Municipal, mas tudo aponta para a sua concretização. Além de ter sido unanimemente aceite enquanto proposta do executivo conimbricense, trará efectivamente mais vantagens e poderes para a autarquia.

Depois de assinado o protocolo com a Administração Central e de preparado o regulamento de execução do plano elaborado em breve por gabinete competente, o programa de que se fala permitirá, em ligação com outros programas subjacentes, a aquisição de fogos pela câmara para o realojamento temporário dos habitantes cujos prédios sejam submetidos a obras.

A maior vantagem e grande novidade deste novo mecanismo de incentivo à reconstrução da Alta deriva do direito de preferência consignado à edilidade na compra de todos os imóveis que sejam postos à venda. Por outras palavras, o município pode, através do programa, exercer o direito de preferência para ficar com aquele imóvel pelo valor do registo. Contudo, o REHABITA não traz benefícios aos residentes.

Como lembra Sidónio Simões, aquele é uma extensão do RECRIA, sendo um programa de comparticipação variável até 50% consoante o resultado, caso a caso, de um cálculo que mete todos os parâmetros tais como os valores do imóvel, das obras necessárias, das rendas e outros. O REHABITA acresce 10% àquela para quem tenha arrendamentos e cumpra as normas do RECRIA. O orçamento ainda pode ter um valor superior de mais 10% caso haja a garantia de observância das medidas cautelares de segurança contra incêndios previstas na lei.

### Património Mundial adiado

O consenso a que se chegou vai no sentido de reafirmar que, "sem recuperar previamente a Alta da cidade, não valia a pena fazer a candidatura", declarou o responsável autárquico ao Jornal A CABRA. O prazo da sua concretização é inestimável porque depende, por um lado, de todas as verbas que se possa juntar e, por outro, da responsabilidade dos proprietários. As ajudas refrearam com os adventos nacionais da Expo 98 e do Porto 2001, e a própria adesão é insuficiente seja por falta de conhecimento ou por motivos pessoais. Neste aspecto, Sidónio Simões vai mais longe afirmando que "a degradação dos imóveis é culpa dos proprietários. A lei prevê que tenham que ser feitas obras de conservação de oito em oito anos", acrescentou.

Agora, a CMC espera aproveitar a prometida realização da Capital Nacional da Cultura para 2003 na afectação de fundos e incentivar a participação activa de todos com a divulgação do REHABITA. Caso contrário, a autarquia tem a possibilidade de fazer obras coercivas recuperando o investimento ao longo dos anos através de rendas, o que prejudica a totalidade da intervenção como é desejável. Por isso, o caminho a seguir é o da sensibilização dos proprietários para o que está em causa e as suas competências.

Uma educação para o património é tanto mais necessária quanto mais se depreende da observação de outras cidades que no mínimo 80% do edificado tem que estar em bom estado de conservação. Depois de classificado, o Património Mundial tem que ser mantido em qualidade o que obriga a câmara a fazer obras se os privados não as fizerem. A CMC decidiu que o melhor era começar pela recuperação.

### Um património com vida

A especulação imobiliária tem levado a que a recuperação seja tão morosa, pois, segundo Sidónio Simões, a edilidade conimbricense não consegue comprar todos os prédios necessitados pelos preços absurdos que se colocam. Contra a lógica, há prédios desabitados ou sem condições mínimas de habitabilidade pelos quais se pede mais de 50 mil contos. O mesmo responsável remete a subida do custo da Alta para a ideia que se criou de que é uma zona nobre a partir do momento em que professores universitários se instalaram.

"Se se baixar o custo das habitações ao mesmo nível das de fora (da cidade), se se criar condições para que a qualidade de vida melhore substancialmente, se os edifícios forem recuperados e o aspecto for agradável, se se condicionar o trânsito de modo a que os residentes consigam estacionar e que a circulação seja relativamente simples, se se conseguir que o espaço público tenha infra–estruturas básicas essenciais como gás e televisão por cabo, consegue cativar-se as pessoas para viverem na Alta de Coimbra", rematou o técnico autárquico.

# Acesso gratuito pelo elevador

**A Câmara Municipal de Coimbra apoia os idosos e tenta atrair os jovens à Alta.**

Para a elevação desta parte da cidade a Património Mundial, a reabilitação e manutenção de infra-estruturas públicas ou privadas não chega. De facto, é preciso bastante mais de modo que se satisfaça a convenção de "conjunto histórico ou tradicional" definida pela UNESCO. Cabem aí vários problemas recorrentes não só em Coimbra mas também noutros centros históricos em geral. Um deles continua a ser o estacionamento e o trânsito. Por deliberação recente da câmara, os utentes que estejam recenseados na Alta ficarão a ter acesso gratuito pelo elevador do mercado. Esta medida beneficia principalmente os idosos que constituem uma parte substancial da população permanente. Assim, visto que aqueles não são os principais detentores de viaturas, o problema persiste.

Sidónio Simões adianta conhecer da "nova" autarquia apenas a intenção de limitar o estacionamento e o trânsito, essencialmente o primeiro. "Há pessoas que trabalham na avenida Fernão de Magalhães e vêm estacionar na Alta às oito da manhã" prejudicando os condutores que aí residem. Para evitar a desertificação da zona o estacionamento deve ser garantido primeiro à população residente. O responsável camarário coloca também a hipótese de se criar uma carreira de autocarro ecológico que atravesse toda a Alta.

Quanto à actividade humana, nomeadamente a económica, a câmara recebe no âmbito do Programa Operacional de Economia uma percentagem do que é concedido aos privados para a recuperação do seu comércio tradicional. Aquela é aplicada no melhoramento do espaço público e mobiliário urbano (bancos, candeeiros) adjacente aos rés–do–chão comerciais em causa. A Alta concorre–lhe também sendo o seu eixo principal de comércio o Quebra–Costas por excelência. A edilidade verifica com agrado que sempre que há uma intervenção no espaço público da sua parte os privados respondem de igual modo criando-se sinergias.

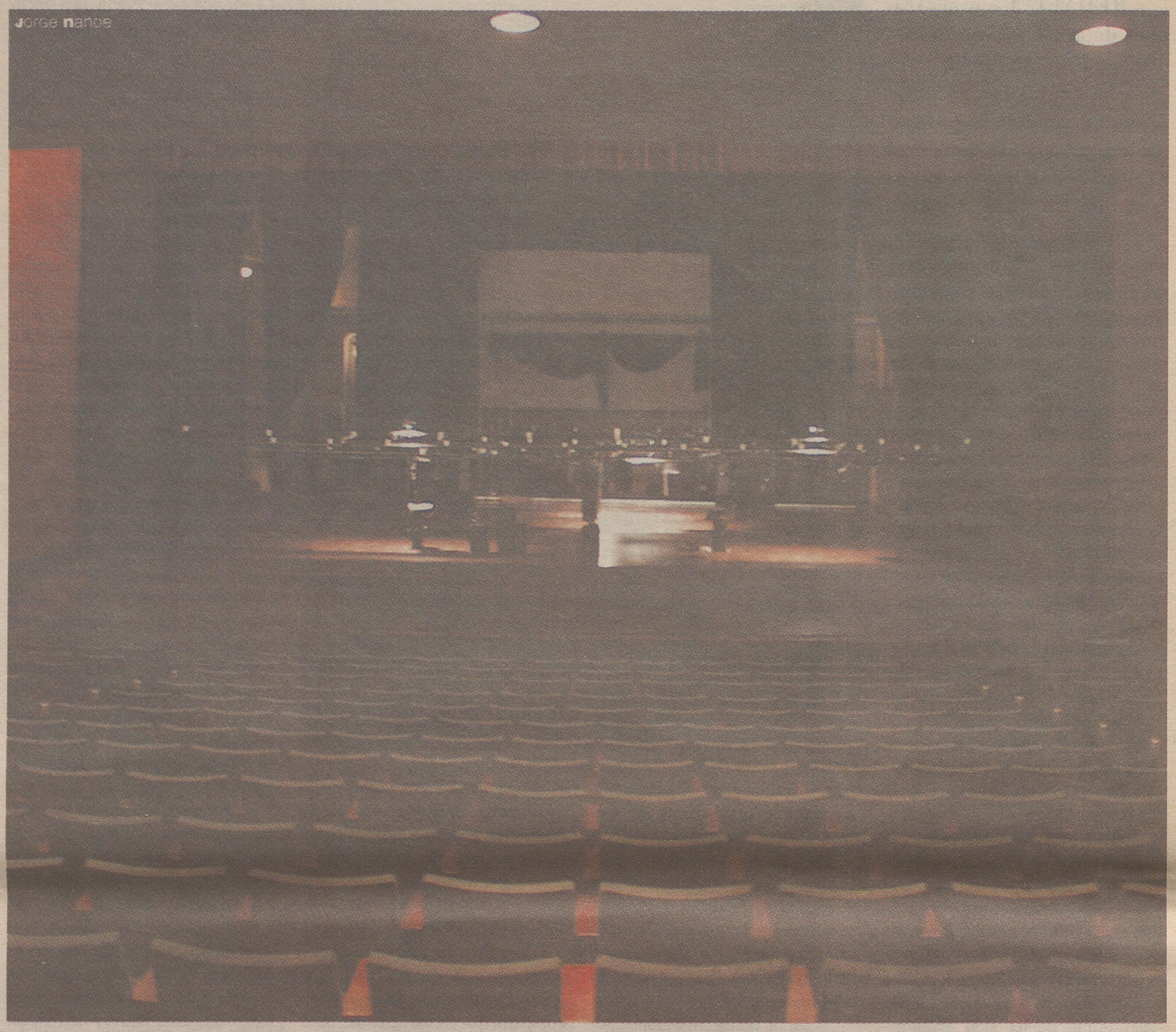
**Ficha Técnica**
**Director:** Sérgio Alves **Director Gráfico:** Rui Justiniano **Chefe de Redacção:** Emanuel Graça **Paginação:** Rui Justiniano, Sérgio Alves **Editores:** Helder Dantas, Maria João Lopes **Redacção:** Adeodato Valente Pinto, Ana Laura, Ângela Neves, Anselmo Câmara, Carolina Ferreira, Cecília Santos, Cristina Rodrigues, Daniel Belo Mendes, Fátima Rachinhas, Gabriela Domingues, Gonçalo Duarte, Helena Marques, Hugo Ferreira, João Cortesão, João Pedro Marques, João Vaz, José Carlos Santos, Manuel Eduardo, Márcia Oliveira, Mário Guerreiro, Nuno Curado, Nuno Dias, Diogo Serras, Paula Velho, Pedro Ramos, Rui Caniço, Sónia Joaquim, Sílvia Matos, Tiago Azevedo **Colaboradores:** Aida Lima, Bruno Ferreira, Cláudia Rodrigues, Eduardo Brito, Filipa Pereira, Gustavo Sampaio, Joana Fialho, João Pereira, Jonas Batista, Jorge Nande, Kossaqui, Liliana Guimarães, Marco Carvalho, Sara Martins, Sónia Nunes **Fotografia:** Hugo Rascão, Jorge Nande **Publicidade:** Pedro Correia: 938630934/ 239821554 **Impressão:** Coraze, S.A.; **Tiragem:** 4000 exemplares **Produção:** Secção de Jornalismo da AAC; **Propriedade:** Associação Académica de Coimbra; **Sede:** Rua Padre António Vieira **Telefone/Fax:** 239821554 **Agradecimentos:** Reitoria da Universidade de Coimbra, Serviços de Acção Social da Universidade de Coimbra.

Teatro em condições precárias nas vésperas da Capital da Cultura

# Cenas e Actos de uma peça há muito em e

**As companhias de teatro reclamam o coser dos buracos de um pano que teimosamente continua a insistir em cair noite após noite.**

Gustavo Sampaio
Mário Guerreiro
Tiago Azevedo




"O país move-se pelos interesses futebolísticos"

"Um teatro não é só uma sala de apresentação (...) é todo um conjunto de salas de ensaios, armazéns"

O teatro na cidade de Coimbra carece de estruturas capazes e de um maior apoio financeiro. Parece ser esta a opinião generalizada das companhias teatrais sediadas na cidade, embora sejam diferentes as soluções pensadas. Com um novo executivo camarário, liderado pelo social–democrata Carlos Encarnação, e a um ano do evento "Coimbra, Capital Nacional da Cultura", as expectativas quanto ao desenvolvimento do teatro voltam a crescer.

Nos distantes anos de 1994/95 Coimbra foi "Capital Nacional do Teatro". Durante esse período, fomentou–se a actividade teatral na cidade com o apoio à criação de novas companhias e dinamização de diversos eventos teatrais, procedeu–se à essencial remodelação do então degradadíssimo Teatro Académido de Gil Vicente (TAGV) e efectuou–se a reconstrução do Teatro Avenida, transformando-o em Cine–Teatro. Os dividendos do evento terão sido em grande parte benéficos para o desenvolvimento do teatro em Coimbra mas fica a impressão generalizada que deveria ter sido feito um maior investimento em infra-estruturas e não deixar definhar após um ano, todo o espírito de inovação e dinamismo que bafejou a Lusa Atenas. Por um lado, são enaltecidos os aspectos positivos. Por outro, referem–se os aspectos negativos. Às portas de um novo evento cultural de renome na cidade, desta vez mais abrangente em propósitos e áreas, ganha evidente importância analisar o que terá corrido mal em 1994/95 para que não se repitam os mesmos erros. A CABRA contactou diversas companhias teatrais de Coimbra e chegou a várias conclusões.

### Espaços

As infra-estruturas teatrais em Coimbra não são suficientes. Não existe um teatro municipal, acabando por funcionar o TAGV nesses termos e são escassos os espaços disponíveis para albergar as funções administrativas, técnicas e humanas inerentes à actividade de qualquer companhia teatral.

O estudo "Coimbra Cultura - Um olhar para crescer", desenvolvido pela Pro Urbe, acrescenta mesmo que "o panorama coimbrão é verdadeiramente desolador", onde a exiguidade dos espaços utilizados para ensaios não oferece boas condições de trabalho. "Preocupante" e "receosa" são outras das expressões mais utilizadas pelas companhias, quando confrontadas com a actual situação do teatro em Coimbra.

Numa semana em que a Câmara Municipal de Coimbra (CMC) contraiu um empréstimo bancário de 35 milhões de euros, destinado à conclusão das obras do Estádio Municipal para o Euro 2004, assenta que nem uma luva a declaração de Helena Faria, directora do Movimento de Associações Federadas de Intervenção Cultural (MAFIA), segundo a qual "o país se move pelos interesses futebolísticos". A MAFIA, que engloba a companhia de dança Trampolim, e as de teatro Marionet, Projecto BUH!, Encerrado para Obras e Camaleão, encontra–se actualmente em litígio com a CMC. Em causa está a cedência do espaço do antigo quartel dos Bombeiros Sapadores de Coimbra a esta associação, conforme protocolado com o anterior executivo camarário e não cumprida por Encarnação, que pretende utilizar o local para albergar as futuras instalações da Polícia Municipal. Helena Faria mostra–se "incrédula" com esta situação constrangedora. "Onde está a MAFIA?" era a frase mais ouvida e lida na pequena manifestação encetada pelo movimento, na passada quinta–feira, dia 21. O local escolhido foi o já referido antigo quartel dos bombeiros, no dia em que se iniciava nesse espaço o evento Jovens Criadores 2001. De momento, a companhia encontra–se sem espaço para actuar e os vários grupos que a compõem desdobram–se na ávida procura de alternativas que lhes permitam ao menos assegurar os próximos espectáculos.

### Noite negra

A Escola da Noite está igualmente a viver tempos conturbados. A única companhia de teatro totalmente profissional de Coimbra, já com dez anos de existência, tem sentido dificuldades com a remodelação de que estão a ser alvo as suas instalações no Pátio da Inquisição, onde está a ser estruturado o futuro Colégio das Artes. Sem espaço alternativo para quando se iniciarem as obras no interior dos edifícios, a Escola da Noite procura alternativas credíveis para desempenhar a sua actividade. Isto numa altura em que a Oficina do Municipal do Teatro (OMT), em fase de conclusão, albergará temporariamente a Escola da Noite juntamente com o Teatrão. De momento, António Augusto Barros, director da Escola da Noite, salienta que o espaço actual, "apesar do seu carácter especial", apresenta alguns entraves à encenação de espectáculos de maior dimensão, devido à sua altura de apenas quatro metros. António Barros, indelével figura do teatro realizado na cidade, manifesta–se igualmente crítico da tão propalada falta de estruturas, em vésperas da Capital Nacional da Cultura, mas relembra que "são necessárias estruturas equipadas tecnicamente", mas também "uma qualificação de profissionais" a todos os níveis. "As salas de teatro não funcionam sozinhas", re-

# exibição

mata.

### Teatro de "palmo e meio"

Também em consonância com esta linha de ideias, Deolindo Pessoa, director do Teatrão, ressalva que "um teatro não é só uma sala de apresentação, mas todo um conjunto de salas de ensaios, armazéns" e equipamentos técnicos. No caso particular da companhia, responsável por um louvável trabalho destinado a um público infanto–juvenil, o seu espaço próprio, será a ainda inacabada OMT, no Vale das Flores. Mas Pessoa compartilha da corrente que defende a existência de um "espaço municipal condigno", visto o TAGV ser manifestamente o único palco por excelência na cidade.

As companhias de teatro em Coimbra exclamam em uníssono por espaços de ensaio e apresentação do seu trabalho que dignifiquem a sua actividade. Espaços que poderiam muito bem ser os hoje desvirtualizados Cine–Teatro Avenida, o antigo Teatro Tivoli (hoje palco de uma multinacional de vestuário), ou as degradadas salas do Sousa Bastos e do Paulo Quintela. A construção de um teatro municipal para descongestionar o programa do TAGV afigura–se, assim, como importante e prioritário.

### Cultura Capital

O teatro em Coimbra volta a ter uma excelente oportunidade para se afirmar como vital actividade cultural para a cidade. Uma nova oportunidade, após a Capital Nacional do Teatro em 1994/95, que não convém desperdiçar.

O receio é o sentimento generalizado em contraposição com alguma expectativa. João Maria André, director do TAGV, mostra um certo cepticismo despoletado pela aparente não existência "de condições financeiras para investir em infra-estruturas" destinadas ao teatro, música e dança.

O próprio vereador municipal da Cultura, Mário Nunes admite que "o anterior executivo" deixou como herança um "défice de estruturas para albergar todas as produções", inclusivé a Capital Nacional da Cultura.

A nível de projectos, apenas a MAFIA parece já ter algo de concreto, nomeadamente a organização de um festival teatral. Designado de "Verão cem espectáculos", o festival aposta na "animação de espaços alternativos" conforme informa Helena Faria. No entanto, de um ponto de vista geral, os projectos de todas as companhias teatrais estão ainda um pouco indefinidos. Esperam–se mais novidades para breve. Mário Nunes, vereador municipal da Cultura, acrescenta que "já existem largas dezenas de projectos em carteira, mas estão ainda a ser alvo de um rigoroso critério de selecção", que se debruça sobre aspectos como o impacto e valor pretendidos. A Capital da Cultura dá os seus primeiros passos.

### Propostas e opções

Pedimos aos vários grupos de teatro que apresentassem propostas concretas para a dinamização da actividade em Coimbra. Propostas aqui enumeradas para que os diversos agentes culturais da cidade e a própria autarquia possam reflectir e discutir ideias prementes elaboradas pelos próprios artistas teatrais. Mais do que ninguém, são eles quem melhor conhece as necessidades inerentes à sua actividade artística.

A Escola da Noite, na pessoa do seu director António Barros, propõe "melhorias das condições dos espaços", uma "política contínua de apoio à cultura" e um "maior acompanhamento de novos projectos", ideia partilhada por Ana Monteiro do Círculo de Iniciação Teatral da Academia de Coimbra.

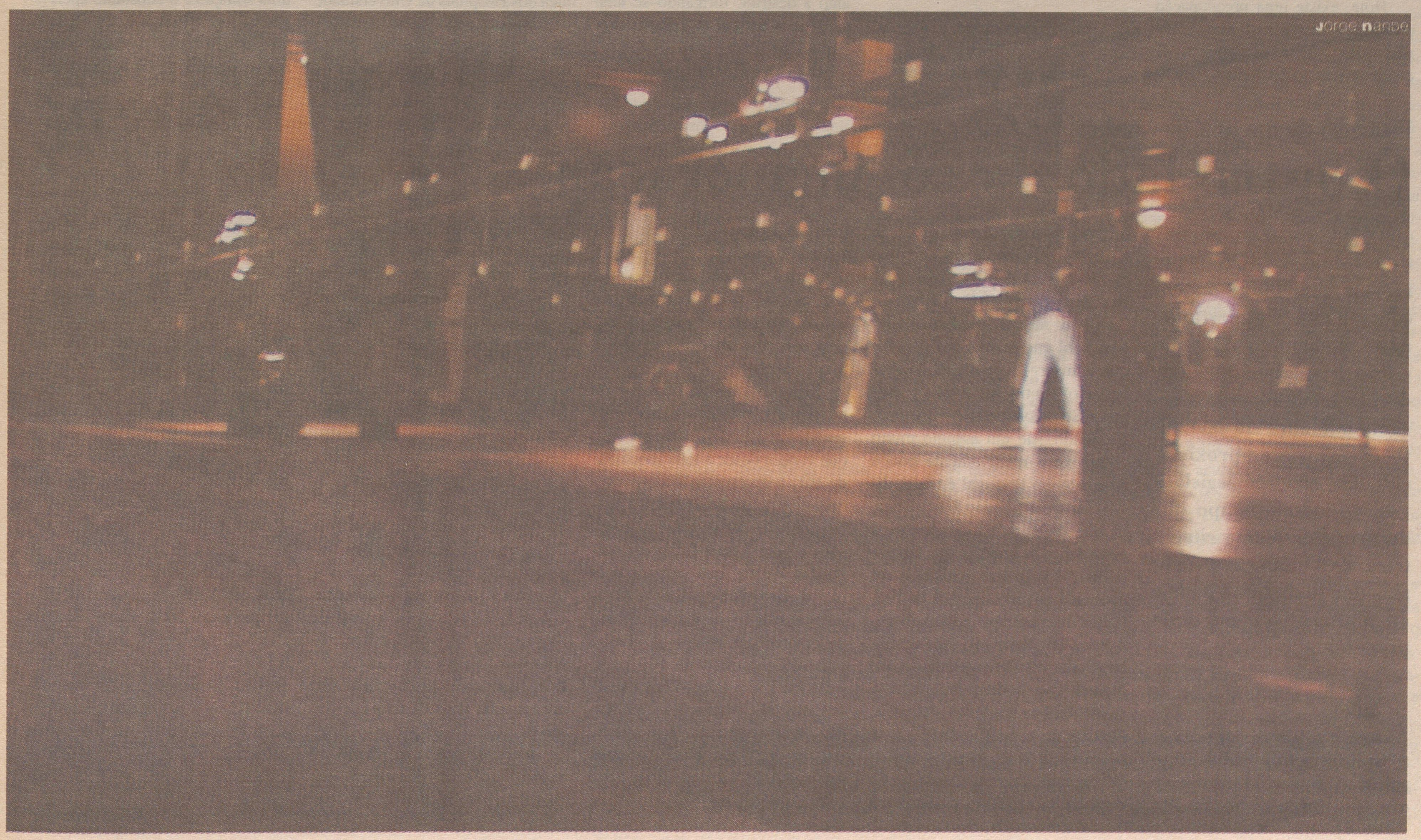
Já a MAFIA refere a necessidade desse mesmo apoio "às novas companhias" assim como a "criação de novos espaços de ensaio e representação", uma ideia defendida pela totalidade das companhias. Por sua vez, o Teatrão sugere ainda "a criação de uma agenda cultural da cidade" e "uma clara aposta na formação e na animação". O Grupo de Etnografia e Folclore da Academia de Coimbra apresenta a necessidade de "uma política cultural bem definida", conforme nos informou Nuno Mendes. Por fim, o Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra enunciou a urgência de uma "profunda dinamização de espaços mais pequenos em detrimento de projectos de maior dimensão".

### TAGV e Câmara

Procurámos então saber a opinião de João Maria André, director do TAGV, que apresenta a proposta de "um maior financiamento dos espaços, não só para o seu funcionamento mas tendo também em vista a sua programação". Por parte da CMC, Mário Nunes referiu a sua pretensão de seguir uma "política de maior proximidade" entre a câmara e os diversos agentes culturais. Os projectos do novo executivo visam a "promoção do Convento de S. Francisco como centro cultural vivo", o "aproveitamento da penitenciária" como espaço primordial para as artes performativas e ainda a "dinamização de todos os projectos considerados válidos e de qualidade".

Numa cidade onde habitam cento e vinte mil pessoas, a qualidade e diversidade das propostas teatrais são muitíssimo elevadas. No próximo ano, a Capital Nacional da Cultura promete dinamizar a cidade. O "marasmo cultural que aqui se vive", no entender de Helena Faria, pode ter uma oportunidade para ser combatido.

Pode...

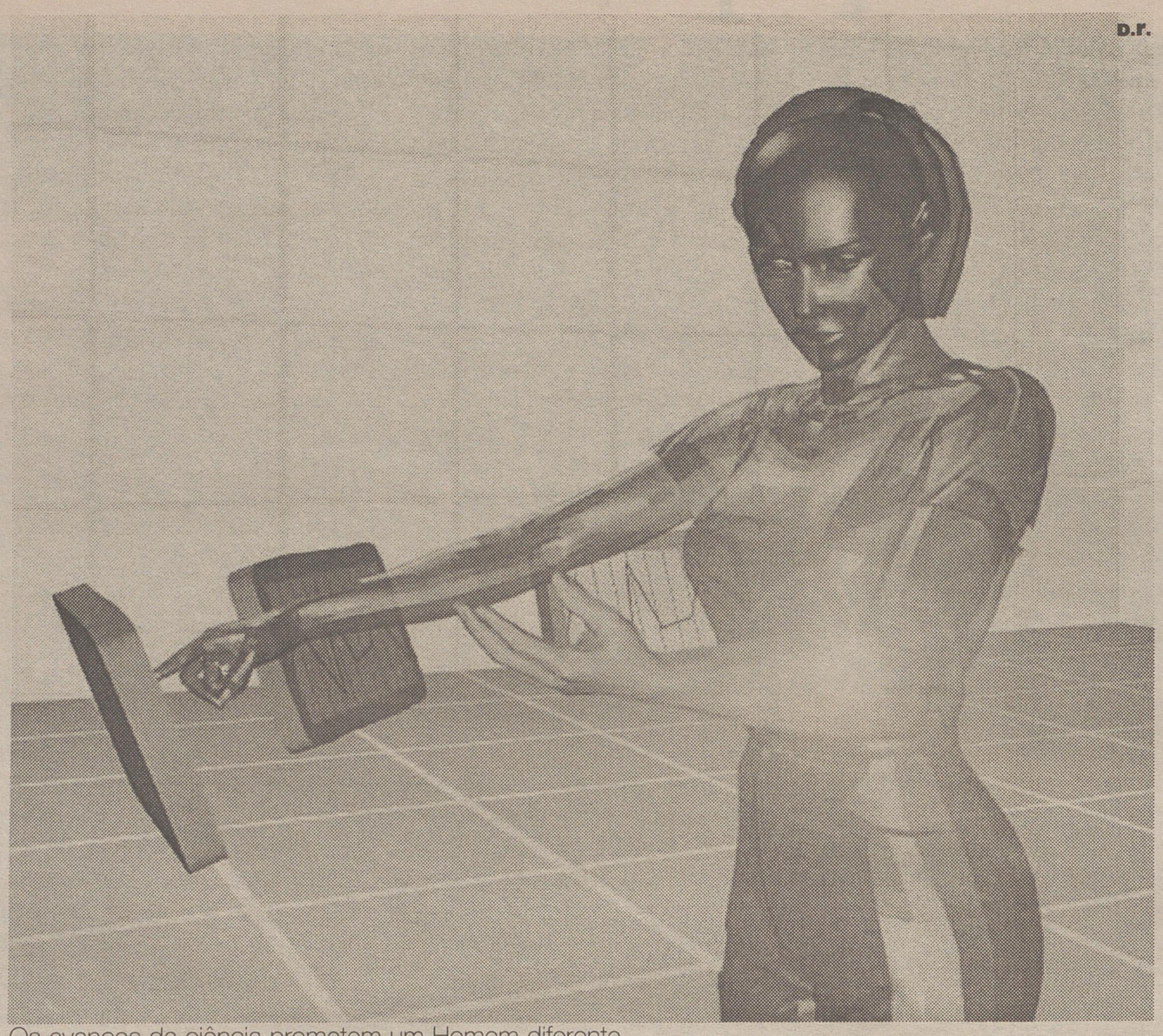


Homem biónico, uma realidade

# Imitação de vida

**A complexidade inerente à natureza humana implica que se procurem soluções adequadas quando esta se altera. A capacidade criativa do homem pauta–se pela permanente tentativa de adaptação às novas circunstâncias com que se depara, emergindo a realidade do conceito biónico.**

Paula Velho
Aida Lima



D.R.

Os avanços da ciência prometem um Homem diferente

O corpo humano é a máquina mais complexa existente à face da terra. E, tal como as outras máquinas, por vezes avaria. No início da década de 70, uma série de televisão intitulada "The Six Million Dollar Man" serviu de base a uma história verdadeira. Na versão televisiva, um piloto da força aérea sofreu um acidente, ficando debilitado, tendo os cientistas a possibilidade de o "reconstruir", equipando-o com novos membros corporais. Nesta sequência, o primeiro homem biónico real foi o piloto militar japonês Kokusai Omocha que sobreviveu a um acidente de aviação. Omocha fez testes para implantes de membros robóticos, sendo equipado com alguns elementos artificiais.

A partir de então, cientistas, trabalhando em conjunto com membros da área da medicina e biologia, desenvolveram modernas teorias para as muitas necessidades terapêuticas e implantação de partes do corpo humano.

Hoje, existe uma preocupação crescente em criar partes artificiais planeadas para a substituição de elementos do corpo humano inactivos e em manipular geneticamente como forma de tratar algumas doenças que de outra forma não poderiam ser combatidas. No futuro, problemas como o cancro, artrites, diabetes, acidentes vasculares, entre outros, poderão beneficiar da nova geração de implantes biomédicos, que permitem ter um corpo saudável, gozando da anterior sensibilidade, o que torna o resultado mais natural.

### Obstáculos

Todavia, no dizer de Stuart K. Williams (Universidade do Arizona), "um dos maiores obstáculos para o sucesso de implantes têm sido as próprias defesas que o sistema do corpo humano tem. Estas tratam o implante como estrangeiro e atacam. Por isso têm sido estudados e analisados materiais com finalidade de se encontrar a composição adequada. Assim, o corpo reconhecerá um material como algo com que trabalhará, em vez de algo a destruir, formando–se uma simbiótica natural na relação com o novo".

O método biónico apresenta–se como uma possível alternativa à máxima renascentista "mente sã em corpo são", aliando–se a outra que passa pela manipulação genética, manipulação esta que pode ocorrer a dois níveis: pré–natal e pós-natal.

### Manipulação genética

No que diz respeito à fase pré–natal, e segundo Sara Freitas, médica dos Hospitais da Universidade de Coimbra, a clonagem, a extracção de células para formar órgãos de substituição e a introdução de genes como modalidade terapêutica para certas doenças são os parâmetros apresentados como solução para as múltiplas enfermidades emergentes. Contudo, numa perspectiva ética, a manipulação genética suscita diversas questões. No dominío da clonagem, os problemas éticos apontados prendem–se com o apuramento da raça, pois mexe com a ordem natural do sistema humano. A clonagem implica que exista uma seriação humana, caindo numa "standardização" sem identidade individual. Outra problematização está associada à extracção de células em embriões fabricados para a formação de órgãos para transplante. Questiona–se até que ponto será legítimo criar um embrião, cujo objectivo final não é gerar um ser, mas salvar vidas. Por outro lado, a introdução de alguns genes estranhos ao genoma humano, manipulação com finalidade terapêutica, será uma boa solução, embora também contribua para o apuramento da raça, porque o bebé não irá contrair determinada doença. É de notar que neste âmbito ainda predomine a teoria, visto que os estudos são insuficientes no que concerne à prática.

Relativamente à fase pós–natal, Sara Freitas sublinha que " tudo o que possa contribuir para melhorar na doença, desde que não implique uma alteração da pessoa enquanto ser, é legítimo".

A artificialidade, aliada ao bem–estar proporcionado, permite, nas palavras do Dr. Gail Naughton (Presidente da Advanced Tissue Sciences), "trazer um sorriso à face dos cientistas, que procuram uma solução e o constante aperfeiçoamento". Estudos da NASA consideram esta procura semelhante à demanda do Santo Graal.

Processo de queima de resíduos em análise

# O outro lado da co–incineração

**O processo de queima de resíduos industriais perigosos está longe de encontrar um fim, estando neste momento a viver um ponto de viragem que pode decidir o seu futuro. A recente mudança no executivo camarário e aproximação das eleições legislativas, ao mesmo tempo que decorrem testes na cimenteira de Outão, são algumas das razões que podem vir a alterar o rumo deste processo.**

João Cortesão

Ninguém tem dúvidas de que a co–incineração é um problema polémico, do qual já todos ouvimos falar. Qualquer cidadão bem informado conhece este processo e partilha o ponto de vista de uma das partes em conflito, sendo capaz de a defender de um modo mais ou menos fundamentado. Mas será que muitas das pessoas que se insurgem de um modo exacerbado contra ou a favor este processo o conhecem realmente?

Sendo este um assunto muito complexo e relativamente pouco estudado em Portugal é muito difícil ter uma opinião inequívoca, já que existem vários pontos a considerar. A queima em cimenteiras é a primeira solução a ser apontada quando falamos do problema dos resíduos industriais perigosos em Portugal, mas é também uma hipotética fonte de poluentes que podem prejudicar a saúde pública nas áreas afectadas. Devido à especificidade deste processo, a única posição aceitável do ponto de vista científico é a de abertura a todas as posições e a todos os argumentos que são apresentados, contra ou a favor de um determinado ponto de vista, uma vez que só assim conseguimos atingir um patamar em que será possível uma análise correcta e imparcial.

Mesmo quando falamos de trabalhos científicos existe uma grande amplitude de conclusões, que variam desde a total inocuidade até à apresentação de consequências muito graves para a saúde pública, derivadas das emissões de dioxinas e furanos, componentes estes que surgem com maior relevância em fornos de cimenteiras a co–incinerar, embora se mantenham abaixo do limite máximo permitido de 100 pg I–TEQ/m3. Em relação aos metais pesados, as alterações também são muito pequenas, facto que ficou comprovado com os testes realizados na cimenteira de Souselas durante o ano passado, e que vieram lançar alguma luz sobre o processo de queima, ao mesmo tempo que permitem ganhar uma experiência que permita continuar as investigações do melhor modo. A associação de filtros electroestáticos e de mangas revela–se muito eficiente, para além de evitar descargas periódicas de partículas, que ocorrem quando a instabilidade do forno obriga a desligar os filtros electroestáticos. Para o processo de co–incineração, os valores medidos são em média 20 vezes mais baixos que os impostos pela legislação nacional e oito vezes inferiores aos indicados pela Directiva Europeia, de acordo com os valores que são adiantados pela Comissão Científica Independente, no relatório apresentado após os testes de Julho passado.

Teoricamente, consideram–se viáveis todos os tratamentos que destruam pelo menos 99,99% das moléculas orgânicas presentes nos resíduos e 99,9999% de dioxinas e furanos presentes na carga a incinerar. No caso dos metais é essencial garantir a sua integração na estrutura do clínquer (principal constituinte do cimento). De acordo com as limitações impostas pela CCI para os metais o acréscimo máximo poderá ser apenas de 0,015%. Como a co–incineração em cimenteiras se processa a temperaturas muito elevadas (1500º - 2000º) os produtos orgânicos são destruídos e os metais fixados ao cimento. Existem, contudo, algumas moléculas orgânicas de difícil destruição, tal como o benzeno e o hexafluoreto de enxofre, que vão mais tarde ser usadas como padrão na avaliação dos resultados, já que a sua destruição implica a destruição de muitos outros materiais, sendo assim evitado o estudo de muitas dezenas de compostos.

Académica e União são antigos rivais

# Uma cidade, duas paixões

**De um lado, a cor negra da Briosa, do outro, o azul e vermelho do União. As histórias são muitas, a disputa era só uma: o futebol dividia a Coimbra de outrora.**

João Pereira
Paulo Nuno Vicente

Hugo Pascão

Académica e União: dois símbolos que dividem as simpatias conimbricenses

Coimbra é a cidade dos estudantes. Mas nem só de livros vive a cidade das capas negras. O futebol ocupa também os espíritos e o tempo daqueles que, à velha maneira portuguesa, não deixam de apreciar um bom "jogo da bola", e muito poucos serão os que por aqui passam sem desenvolver um simpatia especial pelo clube dos estudantes: a Associação Académica de Coimbra/Organismo Autónomo de Futebol (AAC/OAF). Mas a AAC/OAF não detém o monopólio das simpatias futebolísticas. O Clube de Futebol União de Coimbra (CFUC) luta também por um lugar no coração dos adeptos do desporto rei em Coimbra.

Longe vão os tempos em que os dois clubes acendiam paixões capazes de gerar verdadeiras cenas de pugilato que, segundo contam os adeptos mais velhos, iam "desde o campo de Santa Cruz até à baixa". As inimizades, rivalidades e os confrontos (que se assemelhavam em muito a verdadeiras batalhas campais) são hoje recordadas, não sem uma certa nostalgia, pelos que nos seus verdes anos assistiram de muito perto às hostilidades. Actualmente os ânimos estão mais calmos. O União recruta os seus adeptos nas hostes da mais pacífica terceira idade, enquanto que a Académica reúne o consenso como clube de eleição dos estudantes.

### A história

Já desde o seu alvor, a AAC incorporava uma secção de futebol. Devido a divergências internas na década de setenta, esta autonomiza–se, dando origem ao Clube Académico de Coimbra. Seria só em 1984, através de um protocolo celebrado entre a Direcção Geral da AAC e o Clube Académico de Coimbra, que viria a ser fundada a AAC/OAF.

No palmarés da equipa sénior encontra–se a Taça de Portugal de 1939 e o título de Campeão Nacional da II divisão em 1948/49 e em 1972/73. Entre outras boas prestações do clube, destacam–se a presença na final da Taça de Portugal em 1950/51, 1966/67 e 1968/69. Foi ainda vice–campeã nacional na temporada de 1966/67. A nível internacional, destaca–se a sua presença nas Taça das Taças, competição em que alcançou a terceira eliminatória, após ter vencido o Kuopion Pallos (Finlândia) e o Magdburgo (RDA). Em 1968/69 participou na Taça das Feiras, tendo abandonado a competição depois de ter sido derrotada pelo Olympique de Lyon através do sistema de "moeda ao ar".

O CFUC nasceu a 2 de Junho de 1919, como iniciativa de um grupo de rapazes que habitualmente se reunia em frente da Igreja de Santa Cruz. A primeira bola do CFUC custou cinco escudos e foi comprada pelos próprios jogadores, que contribuiram com 50 centavos cada um.

O União rapidamente se tornou uma das associações desportivas mais representativas de Coimbra, tendo cedo incorporado no seu emblema as armas da cidade.

A equipa teve uma breve passagem pela Primeira Divisão Nacional na época 1972/73, mas os seus resultados comprometeram a sua permanência. Entre as melhores prestações do clube destacam–se o título de Campeão Nacional da II divisão na época de 1971/72 e de Campeão Nacional da III divisão em 1981/82.

### Fora de jogo

O primeiro encontro que opôs a Académica ao União saldou–se com uma derrota para os estudantes. Este jogo constituiu o pontapé de saída para o início de uma salutar rivalidade, que viria a conhecer o seu apogeu ao longo das décadas de cinquenta e sessenta.

Entre estudantes - apoiantes da Académica - e futricas - adeptos do União - entre a Alta e a Baixa de Coimbra, a tensão era grande. Como nos contou o Sr. Fernando Brito - azafamado atrás do balcão do bar OAF em busca de recordações - sucediam–se as escaramuças no Campo da Arregaça, no Campo de Santa Cruz, nas ruas que desciam até ao café dos unionistas, o emblemático Santa Cruz.

Ambas as partes consideravam ponto de honra a defesa do seu clube. Os orgulhos feridos e os ânimos exaltados resultavam frequentemente em perseguições e fugas, em "cabeças partidas" e insultos. Como uma autêntica profissão de fé, o fervor clubista colocava frente a frente os conimbricenses em quezílias que ultrapassavam em muito as quatro linhas do relvado. Nem mesmo o célebre Zeca Afonso permanecia indiferente. Tal como uma vez chegou a afirmar, considerava "uma obrigação, um dever, quase um autêntico juramento defender a chamada Briosa. Quando essa defesa assumia aspectos heróicos de pancadaria, então também entrava porque entendia que desse modo cumpria condignamente o meu papel".

Quando questionado acerca das actuais tendências de adesão a um dos dois clubes, o Sr. Fernando foi conclusivo: "o último adepto do União que eu conheci já morreu".

Nos dias de hoje, as rivalidades encontram–se mais esbatidas. Contudo, um já antigo adepto da briosa que, interessado, se aproxima, insiste em esclarecer que "ainda há velhos adeptos, tanto da Académica como do União, que não se podem ver".

### Rivalidades juvenis

Hoje são os jovens que perpetuam uma rivalidade antiga. Dado que as equipas seniores se encontram actualmente em divisões distintas, são as camadas juvenis que, competindo na mesma divisão, herdam o antagonismo histórico que separa os dois clubes. Vítor Oliveira, ex–júnior da Académica e actual jogador do União, afirma ser "por demais evidente a oposição entre os dois clubes, que se nota sobretudo ao nível dos júniores".

Na véspera dos jogos "são evidentes a ansiedade e o nervosismo, existindo um receio mútuo. A Académica, porque tem mais argumentos, melhores jogadores, deveria, não só ter a obrigação de ganhar, mas também de acreditar mais. Mas quando joga com o União fica com medo. Nós, por outro lado, superamo–nos e acabamos por obter resultados que até nos surpreendem". Segundo Vítor, a tensão encontra–se bem patente mesmo ao nível dos dirigentes: "Aquelas frases que se dizem antes dos jogos, aqueles clichés, são ditos com mais garra, porque se de um lado está a Académica do outro está o União".

O União assume–se hoje como o clube das mais antigas gerações. A Briosa, por sua vez, é ainda, indiscutivelmente, um dos mais fortes elos de ligação entre os estudantes que vão convergindo em direcção a Coimbra.

## "Não deixem morrer o nosso sonho!"

João Cortesão

Desde o início da segunda volta que a Académica tem tido alguma dificuldade em se encontrar, tendo praticado um futebol algo desgarrado e diferente daquele a que nos habituou ao longo da primeira metade do campeonato. Se em Dezembro a Briosa se encontrava em primeiro lugar com uma vantagem de 11 pontos para o terceiro classificado, actualmente a realidade é bastante diferente, com a equipa a ocupar um primeiro lugar dividido com o Nacional da Madeira, depois de ter perdido 13 pontos em sete jogos.

Depois de um empate caseiro com o Nacional, os estudantes deslocaram–se a Moreira de Cónegos onde foram vencidos por dois a zero, seguindo–se uma vitória frente ao Felgueiras e dois empates, com a vizinha Naval e em Penafiel, depois de um final de jogo dramático, com a equipa da casa a marcar nos últimos minutos. Uma vitória, uma derrota e três empates depois chegamos a Leça da Palmeira, num momento particularmente difícil, em que jogadores e dirigentes vêem nesta deslocação uma hipótese de se distanciarem dos seus mais directos adversários. Mas o ambiente que se vivia neste estádio era tudo menos favorável, tanto a jogadores como a jornalistas, já que as bancadas eram preenchidas por um público hostil e nervoso, que parecia ainda não ter digerido a presença do vizinho Leixões no Jamor para disputar a final da Taça de Portugal.

Antes do início da partida veio a confirmação de mais uma baixa na equipa de João Alves, que para além do lesionado Alhandra, também não pôde contar com o congolês Kibuey, facto que veio limitar a equipa em termos atacantes. A primeira parte do encontro revelou uma Académica com muita vontade mas com poucas soluções para chegar à baliza de Tozé, que apenas foi chamado a intervir numa ocasião, em que se opôs bem a um remate de Dário. Por sua vez, o Leça apostou claramente no contra–ataque, tendo chegado várias vezes à baliza defendida por Márcio Santos, que foi conseguindo corrigir os erros cometidos pelos centrais da sua equipa. A equipa da casa foi a primeira a chegar ao golo, por Fabrício, tendo Dário restabelecido a igualdade aos 32 minutos. Welder voltou a calar a Mancha Negra passados apenas dois minutos, golo que permitiu à equipa local acabar a primeira parte a vencer pela margem mínima. Com o reatar da partida, a Académica apareceu mais pressionante, com Dyduch a converter com sucesso uma grande penalidade que motivou os maiores elogios ao árbitro da partida por parte dos adeptos locais. Para o último minuto ficou guardada grande parte da emoção do jogo, com a marcação de dois golos. O academista Dino saltou do banco para dar um brinde à Briosa, pouco habituada a marcar ao cair do pano, mas que acabou por se revelar insuficiente, tendo o Leça chegado à igualdade numa jogada confusa dentro da área, em que a bola ressalta diversas vezes antes de entrar na baliza.

Pela negativa, o jogo fica marcado por um público local bastante agressivo e pela actuação do guarda–redes Tozé, que após o término do jogo presenteou a claque coimbrã com gestos menos agradáveis, que acabaram por motivar a ira destes adeptos e consequente carga policial, que foi acompanhada por algumas detenções e por ferimentos em diversas pessoas.

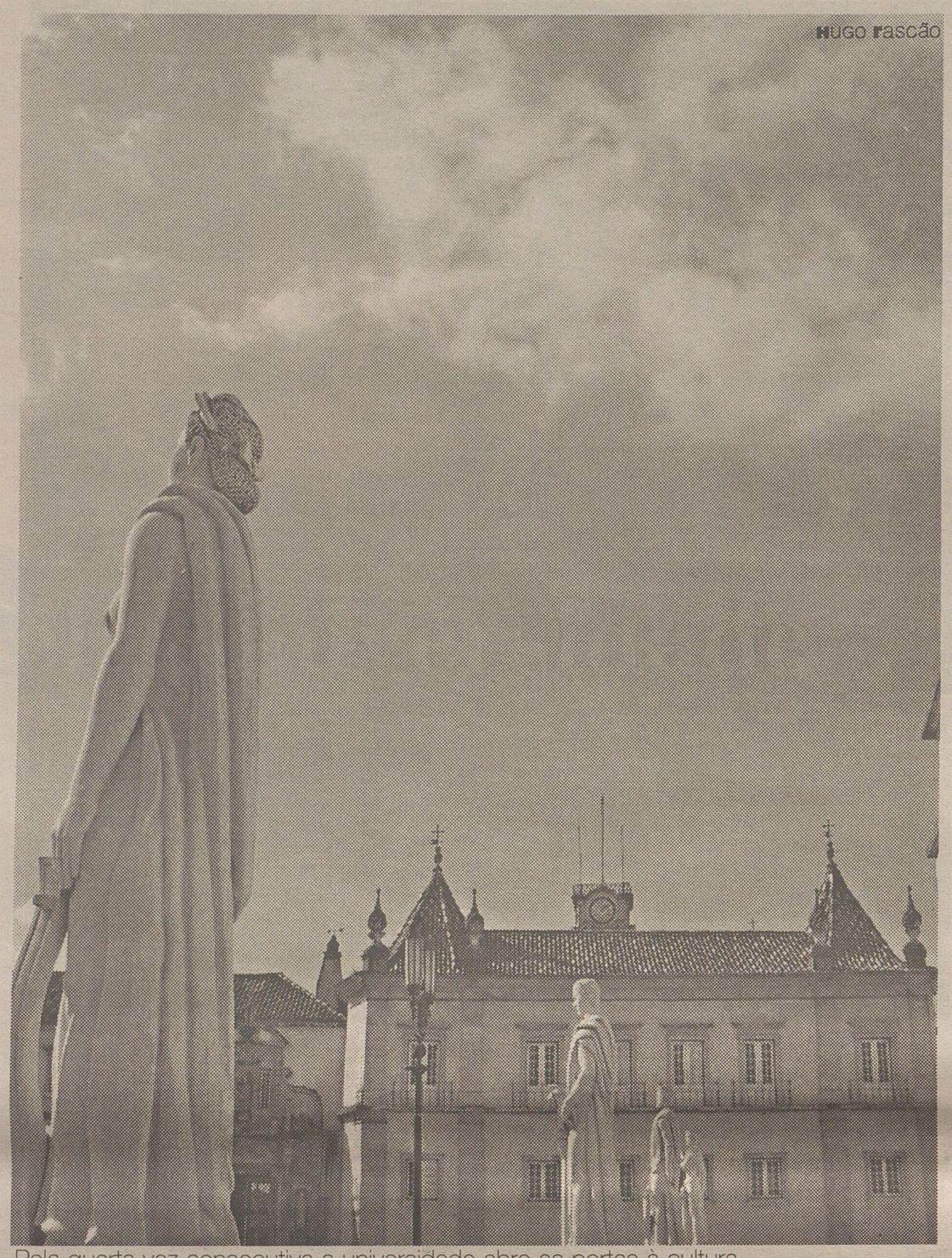
Fica um lamento, mas também um pedido: "não deixem morrer o nosso sonho..."

IV Mostra Cultural da Universidade de Coimbra

# Cultura pela Universidade

**Pela quarta vez consecutiva tem lugar a Semana da Mostra Cultural da Universidade de Coimbra, a decorrer entre os dias 28 de Fevereiro e 8 de Março. Entre as várias actividades previstas, destaque para a presença da pianista Maria João Pires e para as jornadas Albert Netter, organizadas pela Sociedade Europeia de Ginecologia.**

Claúdia Rodrigues
Emanuel Graça


Nugo rascão
Pela quarta vez consecutiva a universidade abre as portas à cultura

Colóquios, exposições, concertos, jornadas científico–culturais, filmes e livros. São estas as ofertas da próxima Mostra Cultural da Universidade de Coimbra (UC), que tem início quinta–feira e se prolonga até dia 8 de Março. Organizado pela Pró–Reitoria para a Cultura, este evento, embora espartilhado pelos cortes orçamentais, promete dinamizar a vida cultural da cidade durante uma semana e mostrar aquilo que se faz dentro do espaço universitário conimbricense.

A semana cultural académica, ligada à comemoração dos 712 anos da fundação da UC, a celebrar no próximo dia 1 de Março, pretende sobretudo, segundo a organização, ser "mais do que comemorativa do aniversário de uma velha universidade" mas antes tornar–se num "espaço de convívio académico e mostra de força e vitalidade" da academia de Coimbra. Espalhado não só pelas faculdades e outros edifícios universitários, este evento é mais ambicioso e desce até bem junto da população da Lusa Atenas, para a baixa da cidade, para as instalações do Instituto Português da Juventude ou para as mesas do café Santa Cruz, onde se vão também realizar algumas actividades integrantes neste certame.

Segundo Maria de Fátima Silva, pró–reitora da Universidade de Coimbra para a cultura, este ano a Mostra Cultural apresenta–se reforçada, dada a presença de uma maior variedade de propostas. Para a pró–reitora, as iniciativas parecem ter ganho uma dimensão crescente ao longo dos anos, sendo notória a participação "fiel" e contínua de secções como o Centro de Estudos Cinematográficos, a secção de Gastronomia ou ainda a Casa de Angola, o que Maria de Fátima Silva considera serem vícios "saudáveis e positivos".

### Piano e Pad'Zé

O grande evento desta semana cultural da universidade é, sem dúvida, a presença de Maria João Pires, que irá interpretar um recital de piano, conjuntamente com Caio Pagano, um dos maiores pianistas clássicos brasileiros da actualidade, sendo que esta presença se insere no âmbito do protocolo assinado recentemente entre a Faculdade de Letras da UC e o Centro para o Estudo das Artes em Belgais, que a artista patrocina. Desta forma, a realizar no dia 28 de Fevereiro, ao final da tarde, no Teatro Académico de Gil Vicente (TAGV), este recital promete abrir com chave de ouro a Mostra Cultural.

Outra presença de destaque é a de Pad´Zé, um dos estudantes mais célebres de Coimbra e que deu um valioso contributo à causa republicana e à cultura nacional. Esta personagem terá especial enfoque no dia 2 de Março, pela mão do Grupo de Arqueologia e Arte do Centro, o qual será responsável pelo seu reavivar através do lançamento da 11ª edição do seu livro, "O livro do Dr. Assis", entre outras actividades alusivas a esta figura peculiar da vida académica coimbrã.

### Colóquios e debates

Quanto a mais eventos, Maria de Fátima Silva prefere não salientar nenhum em particular, mas antes falar na "natureza destacável dos acontecimentos", referindo grandes temas que serão tratados em colóquios, mini–colóquios e debates, os quais constituem, segundo a própria, "os blocos mais insistentes do programa". Deste modo, quanto a colóquios, é importante destacar as jornadas Albert Netter da Sociedade Europeia de Ginecologia, um evento de natureza científica que conta com a presença de Agostinho Almeida Santos como responsável e que, pela primeira vez em 52 anos, sai de Paris. Noutra perspectiva, o 1º Congresso Internacional de Cultura Humanística–Científica Portuguesa Contemporânea, organizado pelo Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX, merece também destaque. Por fim, saliente–se o debate "Cultura e Sociedade", que conta com a presença de proeminentes figuras do panorama cultural português como Teresa Lago, comissária para o Porto Capital da Cultura 2001, Simoneta Luz Afonso, conservadora do Museu da Assembleia e João Maria André, director do TAGV, entre outros.

No que diz respeito ao financiamento, os cortes orçamentais levados a cabo pelo governo em meados de Setembro do ano transacto foram sintomáticos, com as suas repercurssões a denotarem–se a todos os niveis, inclusivé no orçamento da Pró–Reitoria para a Cultura da UC. Assim, a pró–reitora classifica de "problemáticos" os valores monetários disponibilizados para a edição deste ano. No entanto, Maria de Fátima Silva realça o facto de muitas das entidades e agentes culturais envolvidos nesta mostra serem auto–suficientes a nível monetário, pelo que os seus projectos não pesaram no orçamento da Reitoria. Desta forma, dos cofres da universidade apenas sairam cerca de 40 000 euros (oito mil contos) para garantirem a realização desta mostra.

### Da UC para a AAC

Para Alexandrina Lourenço, super–coordenadora da cultura da Direcção–Geral da AAC (DG/AAC), "a Mostra Cultural da Reitoria é um factor muito importante no densenvolvimento da cultura, quer para as secções, quer para os grupos da academia". No entanto, prossegue e salienta que esta acção de apoio é apenas um dever da Reitoria.

Porém, fora desta semana, a realidade é outra, como confessa: "para além da Mostra Cultural, existe um apoio anual dado ao Conselho Cultural pela Reitoria, que depois é distríbuido pelas secções", o qual "acaba por não ser o suficiente". Contudo, a responsável pelo Pelouro da Cultura da DG/AAC reconhece que "não podemos exigir muito, pois temos consciência das necessidades financeiras que a universidade tem".

Desta forma, para a actual mulher forte da cultura da AAC, outros apoios da universidade à produção cultural estudantil são as facilidades oferecidas. Neste capítulo, é muito importante o TAGV, que considera estar, actualmente, "mais receptivo às actividades da AAC do que em alturas anteriores, o que acaba por ser já uma ajuda".

Ainda no que toca a financiamentos, Alexandrina Lourenço salienta a falta de apoios por parte da câmara à cultura realizada pela AAC, não escondendo as suas expectativas provenientes da mudança de executivo camarário.

Apoios à produção cultural estudantil escassos

# Cultura fora de horas

Mas nem só na mostra se faz cultura. Ciente deste facto, Alexandrina Lourenço reconhece que é díficil para os estudantes realizarem eventos culturais fora dos grupos pré–existentes, especialmente no que toca ao financiamento.

Por exemplo, a nível da DG/AAC, seria díficil esperar mais do que um apoio logístico e divulgativo a qualquer actividade extra–AAC. Nada de apoio monetário, entenda–se. Por outro lado, para a actual dirigente máxima da cultura da AAC, tal também dependeria do "género de actividade e da receptividade que essa actividade poderia ter" no seio da comunidade estudantil.

Acrescente–se ainda a estes dois factores a falta de espaço. O edifício–sede da AAC já está num estado de quase ruptura e a criação de mais um grupo só iria complicar mais essa situação. A solução apresentada é o prometido edíficio da AAC no Pólo II, o qual irá ter como função complementar estas lacunas logísticas. Porém, a sua concretização parece, no entanto, longínqua.

Em súmula, as principais necessidades no que toca à produção cultural estudantil são, segundo Alexandrina Lourenço, "principalmente, mais dinheiro para a cultura da academia; em segundo lugar, mais espaço, tanto a nível de secções como espaços para a produção de cultura". E justifica–se: "a cidade tem um teatro, que é o teatro académico; não tem um teatro municipal, não tem um sítio polivalente onde se possa fazer cultura". Deste modo, para a super–coordenadora da cultura da AAC, "fazem muita falta, pelo menos, mais um ou dois teatros em Coimbra, mais espaços para exposições..., enfim, faz falta muito mais espaço onde se possa produzir cultura". Para esta dirigente associativa, "se tivessemos mais espaços, é claro que a produção cultural acabaria por ser mais digna e em maior quantidade". Porém, "se quisermos fazer alguma coisa com qualidade, temos que, à maneira do estudante e do que é tipicamente português, de nos desenrascar com o que temos", conclui.

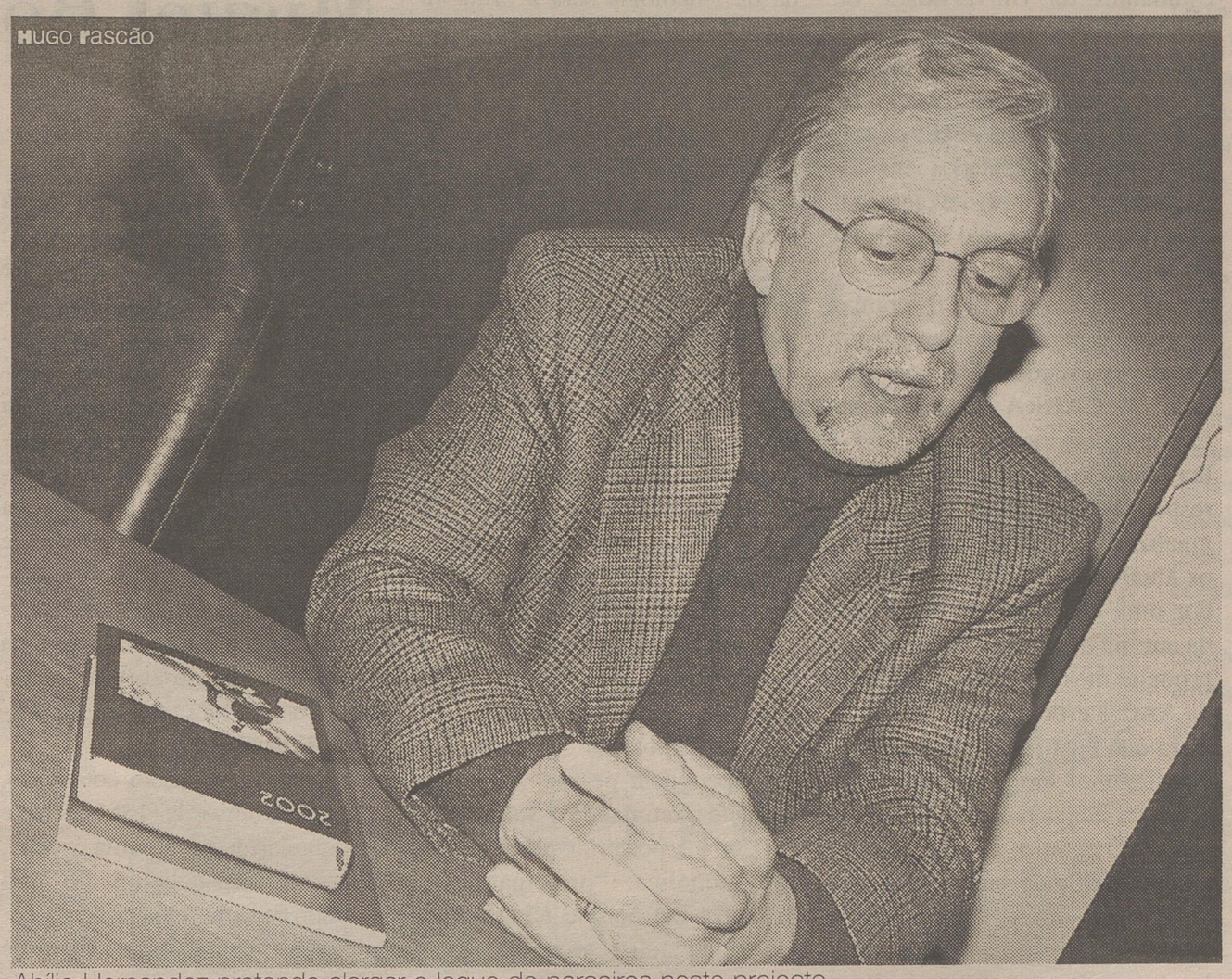
Coimbra 2003 - Capital Nacional da Cultura ganha novo fôlego

# "Este projecto é um grande desafio"

**Apesar das dificuldades previstas, o presidente da primeira Capital Nacional da Cultura (CNC), Abílio Hernandez, mostra-se convicto que a cidade vai corresponder às expectativas.**

Helder Dantas
Manuel Eduardo

A poucos meses da abertura oficial do evento, Abílio Hernandez pretende ultrapassar as dificuldades financeiras, a falta de tempo e o "desencanto". Para tal, aposta numa programação ambiciosa sob o tema da "Cultura, Ciência e Cidadania". A criação de novos públicos associa-se à vontade de legar novos equipamentos e espaços à cidade.



Abílio Hernandez pretende alargar o leque de parceiros neste projecto

**Com que objectivo se promove uma CNC e para que serve?**

Uma CNC é um elo e Coimbra vai ser o primeiro de uma cadeia de elos. Assim, as várias Capitais Nacionais da Cultura devem representar um conjunto de efeitos sobre o tecido cultural português, que nos permita detectar mudanças substanciais no mapa cultural em Portugal. Isto é, não se trata de iniciativas isoladas, estanques, que digam respeito a uma só cidade.

**Nesse sentido, quais seriam os efeitos pretendidos para Coimbra?**

O que se vai passar em Coimbra vai ser muito importante. Por ser a primeira, poderá marcar a forma como as outras vão decorrer. Foi uma escolha que se impôs, pelas características da cidade, não só pela sua história, pelo seu passado, mas também pelo seu presente. Esta cidade representa um capital simbólico tão profundo, que não foi por acaso que foi a eleita.

**Desde o anúncio da CNC, qual a causa de tanta demora no avanço do projecto? Como explica certas opiniões pessimistas sobre esta iniciativa?**

Se estou neste cargo é porque acho que as coisas podem correr bem, senão ter-me-ia ido embora. Eu sei que Coimbra é uma cidade muito atreita a pessimismos e ao discurso do desencanto e de auto-flagelação. O que mais tem havido em Coimbra é falta de colaboração entre entidades. Nós temos que acabar com isso! Este projecto é um grande desafio e não nego as dificuldades.

É verdade que se perdeu quase um ano, e 2001 foi quase um ano totalmente perdido. Durante nove meses, eu era um indigitado. E um indigitado é uma coisa muito próxima de um enjeitado. Na minha opinião, a iniciativa que é boa, foi muito mal anunciada. Por isso mesmo, chegámos ao fim de Junho de 2001 e tivemos que voltar outra vez ao ponto zero.

**Qual será o papel dos diferentes parceiros previstos para o projecto?**

O protocolo de parceria ainda não foi assinado. O que existe é uma situação de facto. Porque o modelo previsto inicialmente era copiado do modelo das Capitais Europeias da Cultura, em que os parceiros eram sempre o Estado e a autarquia. Ainda com o ministro Sasportes, propôs-se que, dadas as características da cidade, houvesse uma terceira entidade: a Universidade de Coimbra. Depois, colocou-se a possibilidade de uma parceria com uma entidade privada. E o Sr. ministro convidou a Fundação Bissaya Barreto, que entrou neste projecto em fins de Outubro. Mas o protocolo ainda está por finalizar, mas tem uma claúsula que consagra a possibilidade deste projecto se abrir a outras entidades.

"Os agentes culturais não podem continuar a fazer de conta que as coisas não são com eles ou que tudo lhes vai parar às mãos de mão beijada"

## Cultura científica

**Quais os critérios de elaboração da programação?**

A CNC tem um tema: "Cultura, Ciência e Cidadania". O que significa que a nossa programação vai abranger todas as linguagens das artes e das ciências. E porquê a Ciência? Justamente, porque estamos numa cidade em que a produção científica é muito intensa. A ciência não é uma coisa diferente da cultura. Estamos a falar de uma cultura científica, como se fala de uma cultura das humanidades, das artes, etc. Queremos viver a CNC como uma acto de cidadania, porque tencionamos que a fruição cultural se alarge.

Dentro deste contexto, a nossa programação divide-se em três grandes áreas: a área das artes, da cena, do som e da imagem. Tem a música, a ópera, a dança, o cinema, o teatro, etc; uma outra área será a do património, das artes plásticas e da arquitectura; uma terceira área será a do pensamento, da ciência, e da tecnologia. Estas três grandes áreas abrangem um conjunto de possibilidades muito abrangentes.

Costumo dizer que é fácil programar para a Praça da República, para a Praça 8 de Maio, ou para a Praça Velha. Mas é mais dificil programar para o Ingote. E para zonas degradadas da cidade. Mas é necessário chegar lá. Muitos cidadãos ainda não são público, porque não há oferta para esse público. É uma cidade que tem inúmeras comunidades diferentes: as africanas, brasileiras, os timorenses, os do Leste Europeu, as ciganas.

**E como pretende chegar a novos públicos ou às zonas degradadas?**

Não tenho uma receita para isso. É uma preocupação nossa. Talvez entrar em contacto com associações dessas comunidades, no sentido de criar projectos com eles. Penso nos públicos como fruidores e co-participantes da cultura.

## Financiamentos

**Como será o financiamento da CNC?**

Existia uma indefinição até anteontem (dia 20 de Fevereiro) quanto ao financiamento do projecto. Penso que ainda não foi fixado o apoio de outros ministérios, como por exemplo o Ministério da Ciência e da Tecnologia e o da Educação.

A vinda do ministro da Cultura no passado dia 20 foi um passo importante. Porque algum do financiamento que estava no domínio do virtual, passou para o domínio do real. Neste momento, sei exactamente com que posso contar até o fim deste ano. Embora, ainda não saiba sobre 2003. O orçamento para o próximo ano vai competer ao governo que irá entrar em funções, depois das próximas eleições.

Depois há o apoio directo dos parceiros. Por exemplo, a Fundação Bissaya Barreto já nos está a prestar um apoio concreto. O custo do arrendamento da sede da CNC é assegurada por esta instituição, que é excelente. Ou então, no caso da UC ou da Câmara Municipal de Coimbra (CMC) que apoiam alguns eventos.

Vamos ter necessidade de apoio em termos de equipamento técnico, como a iluminação e o som. Ficámos a saber que o Porto 2001 nos pode ceder equipamento em boas condições de utilização.

**Estamos, portanto, no domínio daquilo que ficará para além do ano 2003?**

Essa é também uma das minhas preocupações. O que é que pode permanecer? É desejável, por exemplo, que algumas estruturas de Coimbra fiquem com melhores condições de trabalho no final do projecto. Queríamos que se criassem novos empregos, com jovens programadores, animadores, iluminadores, etc. Novos equipamentos que possam estar ao serviço dessas estruturas, o que é mais importante do que equipar um só espaço. Ou então, a própria dinâmica do projecto dar origem a novos grupos culturais.

O que é certo é que não estamos, nem podemos estar satisfeitos. Sabemos que as condições não são as ideais. Longe disso! Vamos trabalhar com a convicção que Coimbra vai responder bem isso. E para responder bem, os agentes culturais não podem continuar a fazer de conta que as coisas não são com eles ou que tudo lhes vai parar às mãos de mão beijada. É Coimbra que vai fazer a sua Capital. Está nas nossas mãos!

## A AAC poderá participar

**Sendo Coimbra uma cidade de estudantes, o projecto da CNC tem de os ter em consideração, não?**

Absolutamente. Em Coimbra, os estudantes são os principais fruidores e produtores de cultura. Uma percentagem elevadíssima do público das actividades culturais é universitária. O que eu penso que é uma limitação. Esse público está ganho. É preciso conquistar outros públicos para este e outros acontecimentos.

**Porque será que os estudantes não têm presença física no Conselho Cultural da CNC?**

À parceria fundadora, consagrada por resolução do conselho de ministros, caberá a decisão de receber outros parceiros. Na minha opinião, o primeiro parceiro alvo, é a AAC. Pessoalmente, acho que a presença da Academia na CNC será muito mais forte quando ela vier alargar o conjunto dos parceiros, em lugar da presença de um ou dois estudantes no Conselho Cultural.

**Que incentivos e que apoios poderão fornecer às secções culturais e aos organismos autónomos da AAC?**

Já recebi propostas de algumas secções. Lembro-me de uma da Rádio Universidade de Coimbra e algumas dos organismos autónomos. Qualquer entidade pode propôr um projecto. Podem aparecer projectos separadamente, das várias secções, como podem aparecer fruto da coordenação, por exemplo, do pelouro da cultura. Mas isso depende das secções. Já disse ao presidente da Direcção Geral da AAC que da minha parte terá toda a disponibilidade para discutir as propostas das secções ou do pelouro.

A minha função é receber esses projectos, que terão de ser analisados pela sua qualidade, pelo seu rigor e pelos seus custos. Aí temos todos o mesmo problema, que é o problema do financiamento. Eu não tenho um orçamento para gerir, pois não tenho autonomia financeira. E isso é mau, porque estamos longe de ter uma estrutura ágil. Perde-se muito tempo, dinheiro e esforço em burocracias.

Levar a AAC aos estudantes é uma aposta da Direcção Geral

# Academia visita faculdades

**Iniciado neste mês e prolongando–se até Dezembro, um ciclo de exposições itinerantes dará a conhecer o bom e mau da academia.**

João Pereira
Sónia Nunes

O Pelouro da Cultura da Direcção Geral da Associação Académica de Coimbra (DG/AAC) tem vindo a promover uma série de exposições com o objectivo de estabelecer um laço mais forte entre a academia e a comunidade estudantil. Cumpre–se, assim, com algum apoio da Câmara Municipal de Coimbra, uma das propostas eleitorais da actual DG/AAC.

Alexandrina Lourenço, super–coordenadora do Pelouro da Cultura, refere que a afluência dos estudantes a este tipo de actividades tem sido positiva e gratificante: "depois de todo aquele trabalho e de poucas horas de sono, conseguir uma inauguração com um aspecto profissional é óptimo".

Os temas relacionados com a vida académica, as inaugurações ao som dos grupos da casa, os cenários a preto e branco constituem um simpático atractivo capaz de despertar interesse mesmo naqueles que se encontram mais afastados da academia. Patente pela primeira vez no passado dia 19, e contando com a actuação da Estudantina, esta iniciativa constitui um projecto de grande envergadura, que se desdobrará em quatro exposições a realizar ao longo do ano nas diversas faculdades.

Hoje, na Faculdade de Letras, encontramos a primeira aparição da exposição que reúne um conjunto de textos elaborados pelos estudantes da Universidade de Coimbra que participaram em concursos literários. Seleccionados e organizados pela Secção de Escrita e Leitura da AAC, os trabalhos são apresentados em suportes de gesso e organizados em tons de preto e branco identificadores da academia.

As cantinas do Pólo II foram o primeiro espaço a acolher este ciclo de exposições. Em conversa com A CABRA, Alexandrina Lourenço afirma ter sido a escolha deste local uma tentativa de responder ao sentimento de marginalização cultural vigente entre os alunos deste pólo. Constituída por uma colecção de fotografias da autoria de Paulo Abrantes, esta primeira mostra retrata o edifício da AAC e está incluída num projecto que data já do ano anterior, dividindo–se em duas fases. Na primeira etapa procura–se captar o aspecto exterior do edifício, estando a segunda consagrada aos espaços interiores, nomeadamente às salas das secções e ao espólio que cada uma encerra. Para além de constituirem um importante "registo do que o edifício é hoje", estas fotografias pretendem também evidenciar a progressiva degradação das infra-estruturas da AAC.

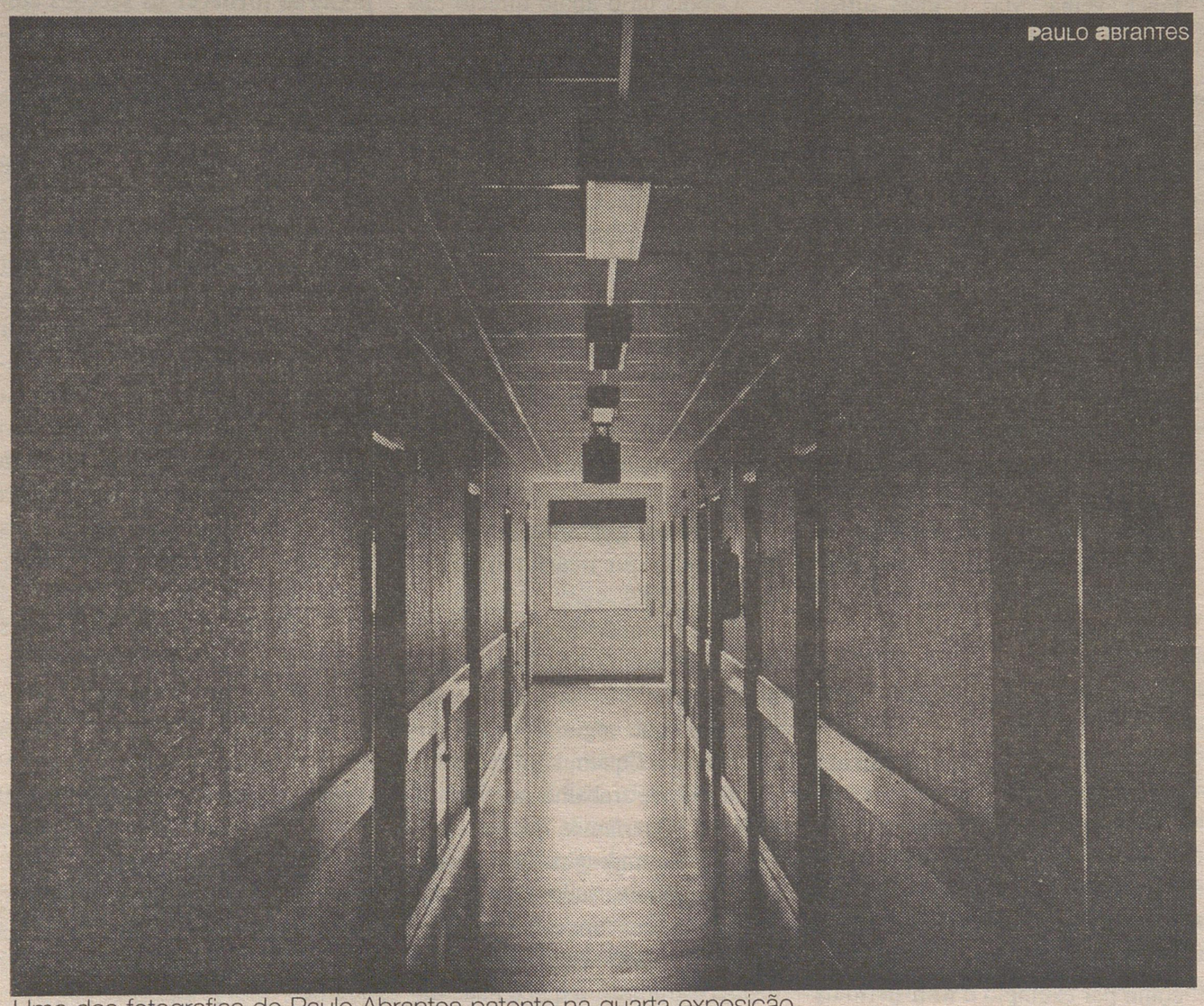
Uma outra exibição, estreada dia 21 na Faculdade de Economia, apresenta uma recolha de prémios, medalhas, troféus de alguns dos mais conhecidos grupos da academia. É o caso da Secção de Fado (na qual se incluem a Estudantina, a Pitagórica e a Típica), das Mondeguinas, das tunas, da Fanfarra, das Fãs e da Imperial Tertúlia In Vino Veritas.

### Álcool preocupa DG

No próximo dia 28, a Faculdade de Psicologia será a primeira anfitriã de mais uma iniciativa. Será exposto mais um conjunto de fotografias de Paulo Abrantes, subordinadas ao tema do consumo excessivo de álcool. Uma vez mais, a escolha do espaço não foi aleatória. Com efeito, parece ser este o local onde os estudantes estão mais sensibilizados para esta problemática. Retoma–se, assim, um projecto antigo intitulado CH3 CH2 OH (composição química do álcool) da anterior DG/AAC. Já no ano passado se havia realizado um debate sobre a alcoolemia, tendo sido lançado em Outubro um livro sobre o tema. Esta publicação voltará agora a estar disponível, o que reflecte a preocupação da DG/AAC pela questão.

Esta exposição será centrada na experiência pessoal de Paulo Abrantes, retratando a sua vivência ébria e posterior desintoxicação alcoólica: "principalmente exponho–me porque não meto a cabeça na areia e sei que o exemplo de alguém é sempre um princípio". Nas frases que acompanham as fotografias, o autor consagra as palavras de Thou: "as únicas histórias verídicas são aquelas que foram escritas por homens capazes de sinceridade suficiente para falar com verdade de si mesmos". Contudo, não pretende "assumir uma atitude careta pois cada um é livre de fazer o que entender".

Alexandrina Lourenço salienta ainda que este "é um tema que nos preocupa um pouco embora as nossas festas se baseiem até certo ponto no consumo de álcool". Todavia, reconhece que o abuso de bebidas alcoólicas não se encontra restrito às festividades pois, segundo a mesma, "o estudante bebe durante todo o ano".



Uma das fotografias de Paulo Abrantes patente na quarta exposição

Um debate transversal para múltiplos interesses

# As singularidades de Miguel Bombarda

Maria João Lopes
Sara Martins

O Auditório da Reitoria da Universidade de Coimbra (UC) vai acolher nos próximos dias 5 e 6 de Março o 1° Congresso Internacional de Cultura Humanística–Científica Contemporânea, iniciativa integrada no âmbito da Mostra Cultural da UC. Organizado pelo Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX da UC (CEIS 20), nomeadamente pelo grupo de História e Sociologia da Ciência, promete trazer novos pontos de vista acerca de uma figura de incontornável importância para a cultura portuguesa: Miguel Bombarda.

A realização deste congresso, "Miguel Bombarda (1851-1910) e as singularidades de uma época", deve–se, nas palavras de Ana Leonor Pereira, presidente da comissão organizadora, ao facto de Miguel Bombarda ser "um grande filósofo e cientista português e, uma vez que passam 150 anos do seu nascimento, é uma boa ocasião para comemorar e homenagear este homem tão singular e combativo". O congresso releva o cientista, o médico psiquiatra, o administrador, o filósofo e o político marcados pela geração de 70.

Tem também como objectivo primordial fazer o balanço de uma época cuja identidade é marcada por singularidades na cultura humanística–científica, humanística–literária, humanística–política e outras, tanto a nível nacional como internacional. Para Ana Leonor Pereira, "não se pode fazer uma divisão muito rígida entre cultura literária e humanística e cultura científica", acrescentando que "é uma forma de sugerir um casamento entre humanidades e ciências, de sublinhar a ideia de que a ciência deixa transparecer a condição humana". Pretende ainda sublinhar a imagem de Miguel Bombarda no movimento científico e filosófico internacional, especialmente o espanhol, o francês e o alemão.

Relativamente ao programa, as escolhas não se afiguram fáceis. Ana Leonor Pereira destacaria "Juan Riera, Carlos Reis, Amadeu Carvalho Homem, António Pedro Pita, eu própria, Fernando Catroga, João Rui Pita, José Morgado Pereira, José Cunha Oliveira, Maria João Antunes e Norberto Cunha". Contudo, adianta que todas as intervenções são pertinentes e que "interdisciplinariedade é a palavra que caracteriza este congresso".

João Rui Pita, um dos oradores do congresso e também um dos coordenadores do CEIS 20, está com bastantes expectativas relativamente a este congresso: "apesar de parecer circunscrito a um determinado público, não o é, tratando–se antes de um congresso de natureza interdisciplinar, ou seja, articula diversos saberes e por isso interessa a diversas áreas".

## Programa

*Dia 5 de Março de 2002*

**10h15** Juan Riera-Cajal y la institucionalizacion de la ciencia en España (1854-1934)
**11h00** Carlos Reis - Nada de Sustos: representações literárias da ciência e da medicina
**11h30** Amadeu Carvalho Homem- Os fundamentos do materialismo monista
**12h00** António Pedro Pita - Miguel Bombarda, um intelectual materialista
**14h30** João Rui Pita- Farmácia, medicamentos e microbiologia em Miguel Bombarda
**15h00** Romero Bandeira - A época de Miguel Bombarda na conceptualização da urgência extra–hospitalar
**15h30** José Morgado Pereira - A evolução das ideias psiquiátricas em Miguel Bombarda
**16h30** Rita Garnel - A consolidação do poder médico: a Medicina Social nas teses da Escola Médico–Cirúrgica de Lisboa (1900-1910)
José Cunha Oliveira - A relação alienista–alienado nos inícios do século xx

*Dia 6 de Março de 2002*

**9h30** João Luís Oliva - A osmose entre os "linguajares" científicos nos finais do séc. XIX. Exemplos portugueses
**10h00** Maria João Antunes; Francisco Santos Costa - Inimputabilidade em razão de alienação mental: um caso da época
**10h30** J. Cândido da Agra - Crime e loucura no pensamento de miguel Bombarda
**11h30** José Manuel Curado – O problema da consciência em Bombarda
**12h00** Vítor Neto - Miguel Bombarda e Manuel Fernandes Santana: um confronto de ideias
**14h30** Mesa Redonda: Hospital Miguel Bombarda
Júlio Gonçalves - Dialéctica e reducionismo estratégico nas concepçõesclínicas de Miguel Bombarda;Vítor Freire - Miguel Bombarda: reorganizador e gestor de Rilhafoles
**15h45** Noberto Cunha - Determinismo e liberdade em Miguel Bombarda
**16h15** Ana Leonor Pereira - A matéria e as suas metáforas: Miguel Bombarda e Júlio de Matos
**17h00** Hans–Richard Jahnke - Ciências do Espírito e Ciências da Natureza: o Rumo da Sociologia no trânsito para o séc. XX
**17h30** Luís Augusto Costa dias - O louco e o arlequim. marginalidade e vanguarda estética na crise final da I República
**18h15** Fernando Catroga - Miguel Bombarda: balanço e perspectivas de uma obra e de uma vida

Um dia dedicado inteiramente à poesia

# Da alma para a academia

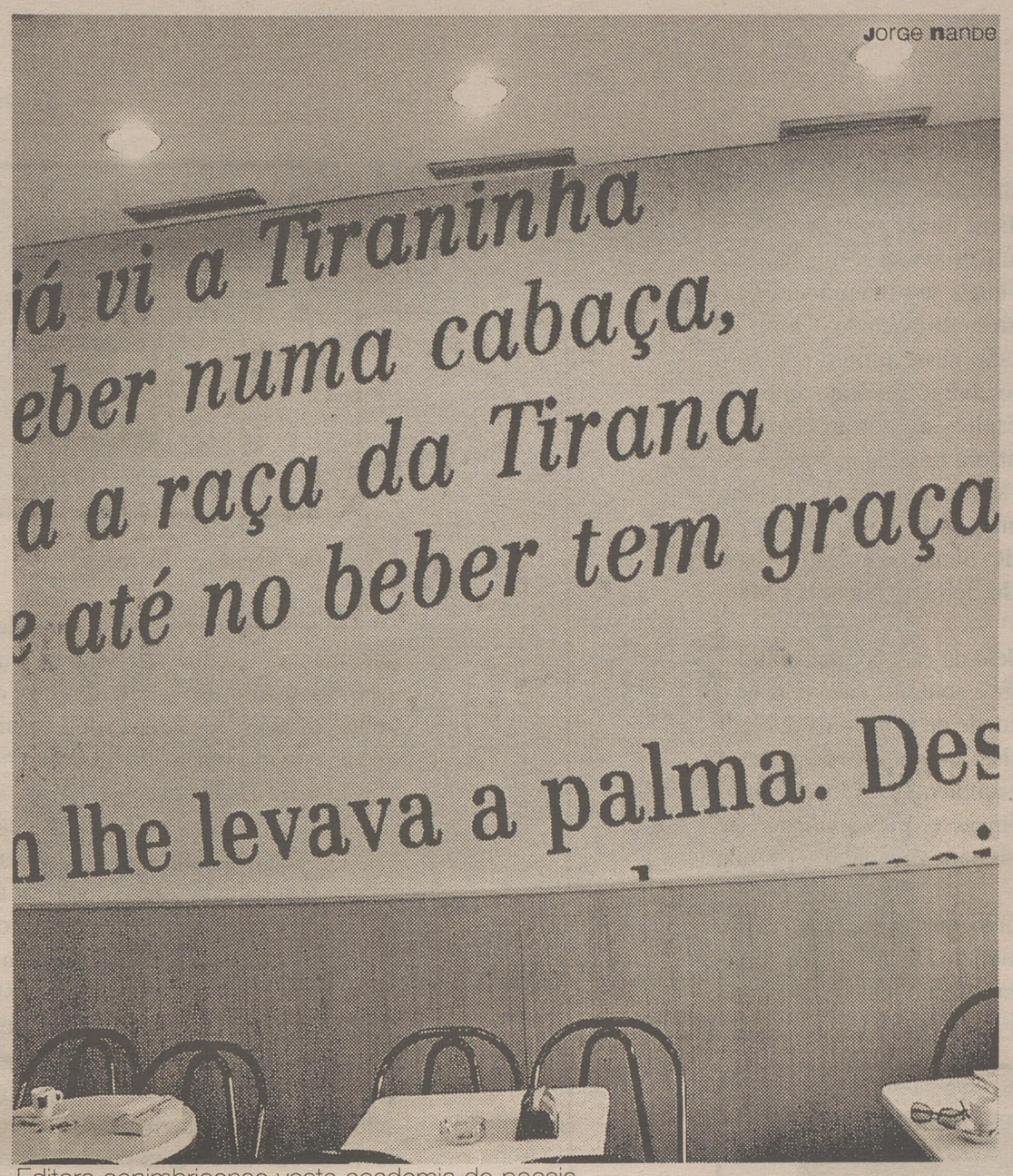
**Poesia em destaque na academia no próximo dia 7 de Março pela mão da editora Alma Azul. Declamação de poemas e mostra de livros são algumas das actividades agendadas para este evento.**

Liliana Guimarães

A Alma Azul, editora conimbricense, leva a cabo no dia 7 de Março uma iniciativa que surge do desejo de levar os estudantes ao encontro da poesia. Esta organização conta com a colaboração da Rádio Universidade de Coimbra (RUC), do Centro de Iniciação de Teatro da Academia de Coimbra (CITAC) e do Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra (TEUC).

Elsa Ligeiro, editora da Alma Azul, em conversa com A CABRA, revela o programa para este dia: "O que pretendemos fazer é uma acção de divulgação e promoção da poesia. Na RUC, das dez da manhã até às dez da noite, dedicar espaços à poesia e oferecer livros. Nos jardins da Associação Académica de Coimbra (AAC), se tivermos a sua cedência, desenvolver uma mostra de livros de poesia, reapresentar o livro 'Naufrágios' e apresentar a antologia 'Poemas de Amor e Abandono'. À noite temos uma homenagem ao Mário de Sá–Carneiro".

Segundo Hélder Wasterlein, director de programação da RUC, das 10 às 22 horas, os ouvintes da RUC poderão, de hora a hora, desfrutar de excertos de obras de poetas nacionais e estrangeiros. As leituras serão asseguradas por três membros do TEUC e do quatro do CITAC, ao critério dos quais ficou a escolha dos poemas e autores a que vão dar voz. Do TEUC, Cláudia Carvalho, irá ler dois poemas de António Ramos Rosa, Nélson Rodrigues um poema de Miguel Torga e um outro de Herberto Hélder e Paula Marques dará voz a António Gedeão e Pedro Marques. Do CITAC, Maria João irá ler um poema de Al Berto, Ana Monteiro um de Wislawa Szymborska, Carolina Fontes um de António José Fortes e Luís Rocha um poema de Noam Chomsky. Além destas gravações, a RUC vai também passar gravações em CD de poemas de Al Berto e Eugénio de Andrade - na voz dos próprios - e de Camilo Pessanha, Fernando Pessoa e Alberto Caeiro pelas vozes de Luís Lucas, Natália Luíza e João Grosso. Hélder Wasterlein acrescenta ainda que "em alguns programas irá ser realizada a oferta de livros da Alma Azul".



Editora conimbricense veste academia de poesia

### Poesia em livros

Das 12 às 19 horas, nos jardins da AAC, estará patente uma mostra de livros de poesia que estarão à venda "a preços bastante acessíveis". Durante a tarde, proceder–se-á à apresentação da obra "Poemas de Amor e Abandono", de 18 poetas portugueses, ingleses, irlandeses e angolanos, e à reapresentação de "Naufrágios", uma antologia de poesia e prosa que a Alma Azul editou em conjunto com a SESLA em Junho do ano transacto. Quem não quiser ou não puder comprar os livros que estarão à venda, pode contar com a distribuição gratuita de vários poemas impressos em centenas de folhas. Elsa Ligeiro lança ainda um desafio a todos os poetas que se passeiam pelas ruas de Coimbra: "quem quiser aproveitar para se revelar a um número mais alargado de pessoas do que o círculo de amigos, pode perfeitamente fazê–lo, sujeitando–se aos assobios ou, quem sabe, aos aplausos".

"Mário de Sá–Carneiro, um Poeta de Orpheu" será, durante a noite, a "homenagem sui generis para celebrar a obra do artista", através de "uma conversa sobre a vida, a obra e a personalidade" do poeta. "Numa interacção constante com aquilo que se entende por público, vamos tentar oferecer alguns livros do Mário de Sá–Carneiro e a nossa antologia 'No Lado Esquerdo da Alma'", acrescenta ainda Elsa Ligeiro. A tertúlia à volta deste vulto da poesia portuguesa terá lugar no mini–auditório do Centro de Estudos Cinematográficos (CEC).

# Renascer de um autor

## O grupo VicenTeatro dá vida a Gil Vicente

Joana Fialho

No ano em que se comemora o quinto centenário da morte de Gil Vicente, o projecto teatral itinerante de repertório "VicenTeatro" desloca–se a Coimbra e sobe ao palco do INATEL para, entre 25 de Fevereiro e 1 de Março, representar três autos de Gil Vicente.

O "Auto da Barca do Inferno" estará em cena nos dias 25 e 26 do presente mês, o "Auto da Índia" nos dias 27 e 28, e o "Auto da Alma", no primeiro dia do mês de Março. Estas são as três peças com que o grupo - a convite do Teatro Anónimo - se faz representar na "Festa de Teatro Infantil", patente neste palco até princípios de Março, com três representações diárias às 10, às 14 e às 16 horas.

Com início de actividade em 1996, o grupo tem como principal meta a possibilidade de, em qualquer ponto do país, oferecer espectáculos de qualidade acessíveis a todas as pessoas. Assim, enquanto proporciona momentos de prazer, estimula o gosto, o conhecimento e hábitos de teatro, tal como sensibiliza os espectadores para a importância do nosso património cultural.

Sendo a sua base de trabalho as obras do famoso dramaturgo português, o grupo possui um vasto repertório no qual podemos também encontrar diversas animações temáticas, espectáculos de rua e de Robertos, debates e ateliers de formação em diferentes áreas de expressão artística.

As peças que agora levam a cena recriam todo o ambiente vicentino através de uma concepção plástica minimalista, onde a ausência de cenografia é suportada pelo desempenho dos poucos actores que compõem cada elenco. Dirigidos principalmente às escolas, os espectáculos são muitas vezes seguidos de debate, sendo também possível, quando em itinerância, a sua articulação com oficinas de expressão dramática, de defesa e conservação do património, de expressão plástica e musical.

Quanto às comemorações do quinto centenário da morte de Gil Vicente, João Carneiro, encenador das peças, garante que o "VicenTeatro está em comemoração permanente". O grupo prepara–se para surpreender os espectadores não só com a estreia da peça vicentina "O Monólogo do Vaqueiro", mas também com "Os Monólogos do Vaqueiro", adaptação de Rui Zink e fruto do trabalho de vários textos do autor.

Também em Coimbra, o encenador promete que para além destas peças, "levaremos o espectáculo tradicional de Robertos que tem por base lendas e contos tradicionais portugueses".

Até lá, porque não tornar as nossas horas livres ainda mais agradáveis e conhecer melhor o primeiro dramaturgo português, aceitando o convite tentador que fica no ar?

# Três horas esquerdas

## De regresso aos palcos de Coimbra

Joana Fialho

Após uma breve estadia na boca de cena do Teatro Académico de Gil Vicente (TAGV), o grupo de teatro Marionet volta a exibir, desta feita no palco do INATEL e já no próximo mês, a peça Três Horas Esquerdas.

Este espectáculo estará em cena de 6 a 9 e de 13 a 16 do mês de Março, com uma sessão diária pelas 21h45, inserida na programação que o Teatro Anónimo promove para este palco durante o próximo mês, inteiramente dedicado ao teatro.

A peça foi construída a partir da selecção e análise de 14 pequenos textos, na sua maioria em prosa, do escritor russo Daniil Kharms, ainda tão desconhecido no nosso país.

Em conversa com A CABRA, Mário Montenegro, actor e co–encenador da peça, justifica a escolha destes textos: "julgamos que as curtas prosas de Kharms são a melhor forma de introduzir o universo único deste escritor". Acrescenta ainda que na escolha dos textos "procuramos mostrar a visão única de Kharms sobre alguns temas que atravessam a sua escrita: o acaso, a repressão, a censura, a curiosidade humana, a crueldade, a mesquinhez das preocupações humanas".

Perseguido na Rússia dos anos 30, onde acabaria por morrer na prisão, o autor faz passar através da sua escrita, conotada por muitos com o absurdo, todas as emoções e censuras que sofreu. Mário Montenegro diz também que "neste espectáculo essas mediocridades e misérias tipicamente humanas são ampliadas de tal forma que é impossível passarem despercebidas. É impossível não sermos confrontados com elas e, consequentemente, sermos levados a uma reflexão, mesmo que por trás de um riso, sobre tudo isto".

Tendo em conta que em muitos dos seus textos o autor retrata uma estranha realidade, onde os defeitos e a pequenez humanos surgem ampliados, o encenador afirma que enquanto "Kharms nos apresenta a sua visão sobre o seu mundo, a peça apresenta a nossa visão sobre Kharms e sobre o nosso mundo".

Constituindo a primeira vez que o autor é representado no nosso país e considerando a adesão que se fez sentir na apresentação precedente, tal como a sensação de surpresa provocada nos espectadores, o grupo mostra–se confiante quanto a esta reposição num outro palco da cidade.

Para concluir, Mário Montenegro diz que "a história do espectáculo é um pequeno capítulo sobre pequenos defeitos que faz parte da Grande História da Estupidez Humana", lançando um desafio a todos os que se acharem capazes de se confrontar consigo mesmos.

# artes

OUVE-SE

## "Pontos de encontro no sofá"

Rui Caniço

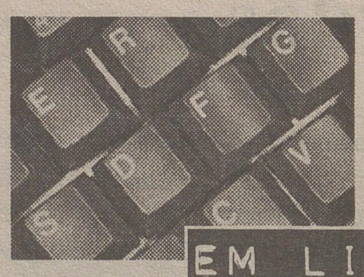
Desde há uma década que Michael Holzgruber, Wolfgang Frisch, Markus Kienzl e Wolfgang Schlögl fervilham ideias em osmose por entre os seus vários estúdios caseiros. Resultado dessa comunhão são as inúmeras releituras de projectos com os quais se sentem identificados (e vice–versa) mas, sobretudo, o álbum multifacetado Transit de 1997 e o quase hermético Cargo de 1999. Se nesse último registo o quarteto vienense desvendava o seu próprio código genético auto–catalogando–se como praticantes de um inóspito "dub/drum'n'space", ao terceiro tomo procuram os elementos outrora tímidos na busca tensa dos contrastes: a voz e a palavra. Assim sendo, partilham experiências com ilustres desconhecidos (Sensational, Dj Collage, Dälek, Lil Desmond Levy, Oddatee, Dawna Lee e MC Santana) e com artistas com carreiras ligadas ao dub (Junior Delgado, Jeb Loy Nichols e Mark Stewart).

Atrevem–se, portanto, a explorar o modelo de canção, imiscuindo–se sem pejo pelos territórios hip–hop, ragga e soul que cada encontro proporciona sem, contudo, difamar a identidade de princípios dub por que sempre se moveram. Ao longo do registo ouvem–se violoncelos esquizofrénicos por entre vozes surdas em ambientes ruidosos, scratches acasalados nas programações electrónicas e, inclusivamente, a electricidade furiosa da guitarra desviando-o para vocabulários pouco comuns da sua linguagem musical.

Apesar de aparentemente menos crespido que o seu antecessor, "Encounters" apresenta um quarteto da cidade do Danúbio mais fogoso na organização das possibilidades estéticas de dub mas sequaz à sua cerebralidade característica.

**Sofa Surfers**

**"Encouters"**
**Klein Records (2002)**



EM_LINHA

Nuno Curado curado@yahoo.com

Foi finalmente ratificado pelas Honduras o tratado mundial para a proteção internacional dos direitos de autor. Agora que já foi ratificado por trinta países, entre os quais os EUA e o Japão (mas nenhum da comunidade europeia), vai poder entrar em vigor a partir de Maio.

Este tratado foi feito para proteger os direitos de autor de todos os conteúdos passíveis de serem distribuídos através de meios digitais.

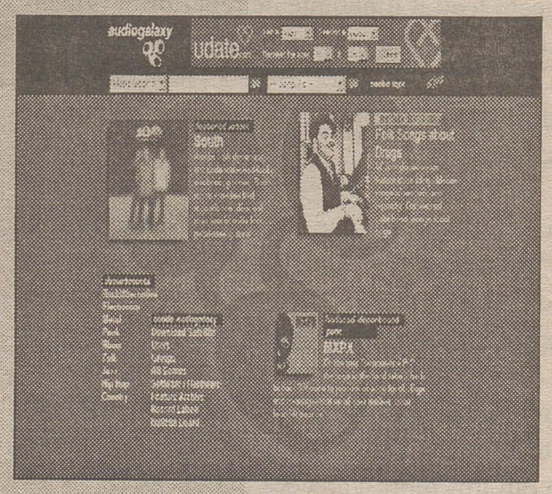
Esta notícia deu–me a ideia de escrever um artigo acerca da partilha de ficheiros através da Internet. Todos estes programas têm como forma de funcionamento a partilha de ficheiros, e quanto mais gente houver a partilhar ficheiros, maior é a diversidade dessa rede.

O mais conhecido desses programas foi até há pouco tempo o Napster. A sua ascenção e queda foi bastante rápida: o Napster apareceu em Maio de 1999, chegou a ter milhões de utilizadores e quase desapareceu no final do verão passado devido aos processos impostos nos tribunais pela industria fonográfica. Mas, o aparecimento do Napster abriu uma porta para o futuro e para a maneira como os conteúdos circulam na internet. Obviamente que este não é o método preferido dos donos dos direitos de autor de todos os conteúdos que circulam nestas partilhas, mas as bases da circulação de conteúdos passa pelos moldes introduzidos pelo Napster e seus seguidores.

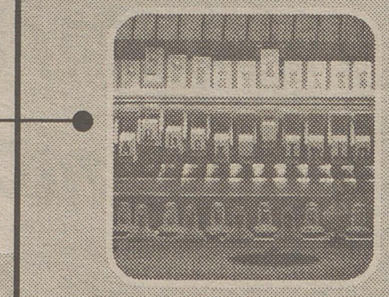
A profileração de programas de partilha é muito grande. Quase todos os meses aparece um novo programa para partilhar ficheiros, mas nem todos sobrevivem ou conseguem uma boa base de ficheiros partilhados. As escolhas são muitas, mas existem alguns programas que são melhores que outros.

O AudioGalaxy continua a ser uns dos melhores para quem procura músicas, e Kazaa e WinMX são bons para quem anda à procura de vídeos. O Direct Connect é muito bom para quase tudo, mas para se ter acesso às melhores partilhas é necessário ter partilhado muitos ficheiros. Há casos em que é necessário ter mais de 30 Gb em ficheiros partilhados para se poder ligar a alguns dos servidores. Todos estes programas envolvem também muita paciência, pois a procura nem sempre é fácil ou dá frutos.

**Para PC:**
Direct Connect *www.neo–modus.com*
BearShare *www.bearshare.com*
Filetopia *www.filetopia.com*
LimeWire *www.limewire.com*
BuddyShare *buddyshare.org*
KaZaA *www.kazaa.com*
AudioGalaxy *www.audiogalaxy.com*
Blubster *www.blubster.com*
VXport *www.vxport.com*
IMesh *www.imesh.com*
Mojo Nation *www.mojonation.com*
Bad Blue *www.badblue.com*
The Qube *qubenetworks.com:85/theqube/intro.asp*
Konspire *konspire.sourceforge.net*
Winmx *www.winmx.com*
File Rogue *www.filerogue.com*
Splooge *www.splooge.com*
Morpheus *www.musiccity.com*
EspraNet *www.espra.net*
Freenet *www.freenetproject.org/index.php?page=quickstart*
Neo Modus *www.neo–modus.com*
Grokster *www.grokster.com*
Donkey 2000 *www.edonkey2000.com*
MP3 Voyeur *www.jawed.com/voyeur*
Hotline *www.bigredh.com*



**Para Mac:**
Carracho *www.carracho.com*
Aimster *www.aimster.com*
Donkey 2000 *www.edonkey2000.com*
LimeWire *www.limewire.com*
Napster *www.napster.com*
Konspire *konspire.sourceforge.net*
Mactella *www.cxc.com/downloads.html*
Hotline *www.bigredh.com*
Myster *homepage.mac.com/myster*
Phosphor *phosphor.sourceforge.net*
Phex *phex.kouk.de*
MacSatellite*www.macupdate.com/info.php/id/6236*



**Aphex Twin**

**"Drukqs"**
**Warp Records (2001)**

## "Now the Drukqs do work"

Hugo Ferreira

Indeciso entre criticar o estimulante "Genetic World" dos Télepopmusic, o documento histórico "Ao vivo na Aula Magna" que é parte integrante da edição especial do último dos Mão Morta e o sublime regresso no "Beck nipónico" Cornelius, através de "Point", dou comigo agarrado ao misto de electrónica e eloquência de inspiração clássica que marca mais um ponto alto na carreira do eclético Richard D. James.

Devo confessar que a electrónica nunca me inspirou sensações por aí além, mas Drukqs não é um disco qualquer. É uma viagem inacreditável por um mundo que tem tanto de único como de apaixonante.

Num trabalho em formato duplo com 30 ambientes diversificados, Aphex Twin prova a sua singularidade num disco que, ao contrário do que possa parecer a um ouvido mais desatento, custa mais a sair do que a entrar.

Aphex Twin proporciona–nos uma visita guiada aos vários estados da electrónica, com pequenos intervalos melodiosos q.b. para respirar e digerir tudo o que se ouviu e que se está para ouvir. Não deixa de ter os seus momentos extremamente pesados (bem característicos da sonoridade de Richard D. James), mas deve ser ouvido de uma ponta à outra, várias vezes, para conseguir desencadear todo o seu efeito.

Nunca na vida pensei vir a ficar viciado num disco de Aphex Twin, mas a verdade é que "Drukqs" consegue muito facilmente operar a transição do respeito para a admiração profunda.

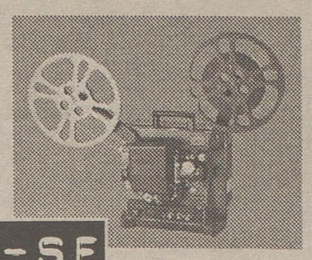
Sem qualquer tipo de dúvida, esta é uma obra maior, que provavelmente continuará incompreendida.

Entretanto, Mariane Faithful promete surpreender através da sua colaboração com Beck em "Sex With Strangers", os Air lançam um disco de remisturas um bocado abaixo da média. No entanto, o destaque do mês vai para Burnt Friedman que produz a recriação de autênticos hinos de autoria do divertidíssimo Senör Coconut nos seus vários alter–egos.

O rock também vem aí em força: Os The Parkinsons lançam o seu EP de estreia (onde o punk mais ordena); Legendary Tiger Man é um projecto de Coimbra que consiste num one man show de Paulo Furtado que vai decerto causar muito boas reacções; e Jon Spencer está de volta com os seus Blues Explosion que, no início de Abril, nos irão proporcionar o explosivo "Plastic Fang".

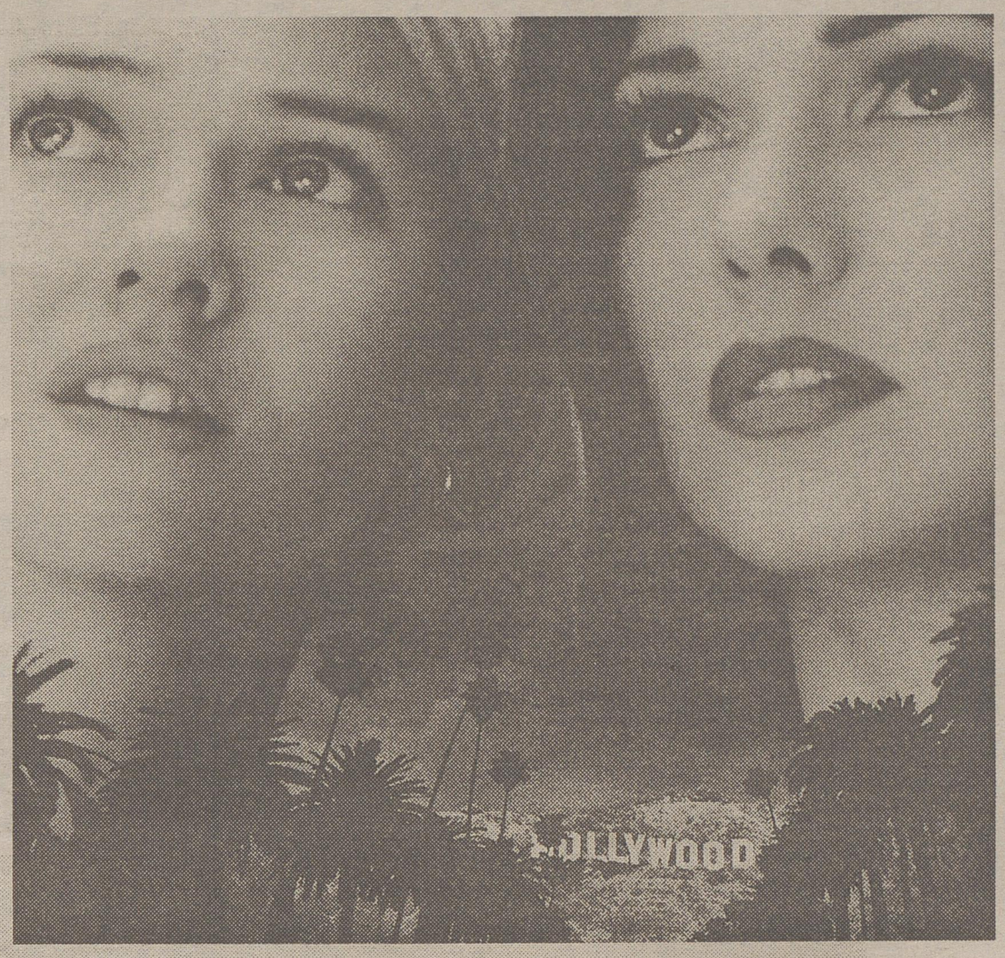
Mas o impacto e a experiência de "Drukqs" continua imparável.

# Feitas




## MULHOLLAND DRIVE - DAVID LYNCH (2001)

Helder Silva Dantas




Sonho e realidade. "Mulholland Drive" simboliza os dois, nunca fazendo fronteira entre uma e a outra. A fusão entre o onírico e o real torna–se força motriz de uma obra esplêndida, que faz jus à teoria de que o surrealismo é um perpétuo estado de sonho.

Quem assiste a este filme poderá sentir perplexidade perante a errância da narrativa, causada por esta indefinição metafísica. No entanto, os sonhos raramente são modelos da simplicidade ou da lógica. E mesmo a própria realidade se revela por vezes inverosímil. Como naquele momento imperceptível em que nos encontramos entre o sono e a consciência, no limiar do subconsciente humano mais recôndito. É o momento da vigília, ambígua e sinuosa. Tão sinuosa como a estrada serpentina que dá o título ao mais recente filme de David Lynch.

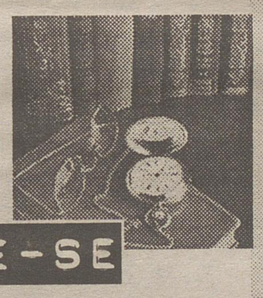
A intriga começa logo no dealbar do filme. A personagem interpretada por Laura Elena Harring, anónima aos nossos ouvidos, é conduzida pela estrada fora. Com a intenção de a assassinar, os condutores param a meio da estrada, provocando logo o pânico na passageira. Só que ela é salva devido a um choque violento provocado por outro carro, escapando com vida. Sai dos destroços fumegantes e qual traça, busca as luzes cintilantes da cidade de Los Angeles. Esta pequena sequência parece ser a ideia base do resto do filme, pois as personagens estão em constante busca da sua identidade existencial, preferindo sair da penumbra, em direcção à evidência e à palpabilidade do real.

Voltando ao enredo, no dia seguinte, Harring encontra refúgio numa casa recém desocupada. Entretanto, porém, chega a inocente, aventureira e simpática Betty Elms (interpretação arrepiante de Naomi Watts), sobrinha da dona da casa. Ao descobrir Harring, no duche, pergunta pelo seu nome, sem obter resposta. É que Harring está amnésica. Assume, então, o nome de Rita após ver o cartaz do filme "Gilda", protagonizada por Rita Hayworth. As duas embarcam, depois, numa montanha russa de situações perturbantes e imprevistas.

O ambiente soturno que envolve o filme, entrecortado por alguns trechos de clareza diurna e humor negro, é o pano de fundo perfeito para os enigmáticos acontecimentos e as personagens misteriosas de "Mulholland Drive". Surge por exemplo o realizador Adam Kesher (Justin Theroux), que irá, juntamente com outras personagens, adensar a neblina que se abate sobre o filme. Cada interveniente vai despindo, camada após camada, máscaras e identidades, tingindo a "não–narrativa" com matizes labirínticas. Hipnotizado pelo que vê, o espectador tenta, debalde, encontrar referências lógicas na história. A rendição quer–se total e incondicional, pois o aparente "reino dos sonhos", Los Angeles, facilmente se converte num abismo de pesadelos, insatisfações e fobias.

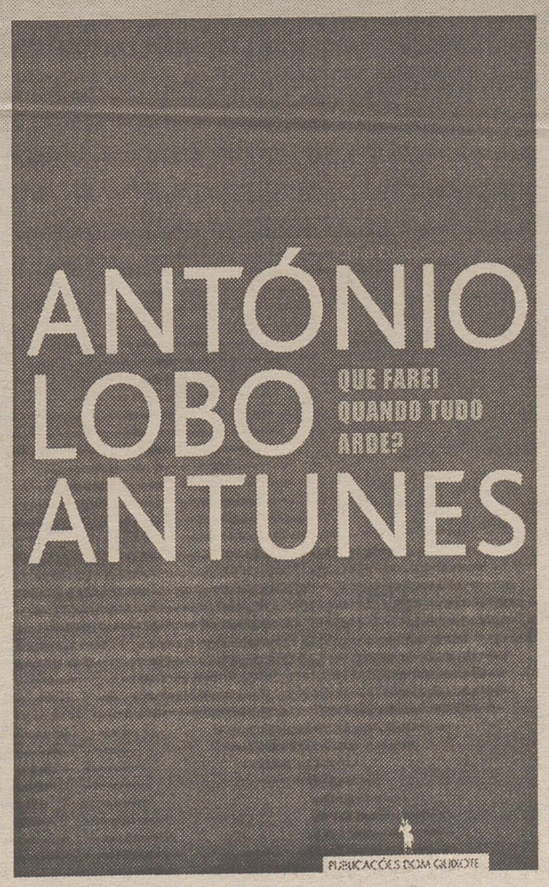
David Lynch é um alquimista que, através da sua arte cinematográfica - pedra filosofal -, transforma o mundo real em pura poesia visual. Mas é uma poesia da ilusão e da bizarria. Inesquecível a cena no "El Club Silencio", onde, na memória, se repercutem os ecos de uma versão espanhola do "Crying", de Roy Orbison. É por isso que "Mulholland Drive" é uma fábula de uma beleza absorvente e oblíqua.

Nesta verdadeira experiência visual, cada gesto, cada pormenor é pincelado com suspense e densidade, numa urdidura repleta de emoções à flor da consciência e da alma humana. E descobrir, mas não perceber os seus meandros, é como se fossemos inquilinos da mansão mental deste mestre fílmico.




## "QUE FAREI QUANDO TUDO ARDE?"
## ANTÓNIO LOBO ANTUNES (ED. DOM QUIXOTE)

Gonçalo Duarte




*"Agora que o meu pai morreu acho que comecei a procurá–lo mas não sei. Não sei. Dou voltas e voltas e a resposta é não sei. Tudo me parece tão difícil, tão complicado, tão esquisito: um palhaço que ao mesmo tempo era homem e mulher ou umas vezes homem e outras mulher ou umas vezes uma espécie de homem e outras uma espécie de mulher comigo a pensar - Como é que o chamo?"*

Toda a grande literatura é uma interrogação. Pode admitir-se que é assim que encontra resposta para si mesma - interrogando. Assim a última obra de António Lobo Antunes - uma interrogação partilhada por todas as personagens, um porquê que já não se pode prender a uma pergunta particular. E, a atestá–lo, o belíssimo título do romance, tomado de empréstimo a Sá de Miranda, "Que farei quando tudo arde?" - é que "tudo" pode ser a mais indefinida, a mais indecisa das palavras. E no entanto este enunciado é surpreendentemente claro, surpreendentemente familiar, como se todos nele nos reconhecessemos. Que farei quando tudo arde? - é uma pergunta atirada para mim, leitor, uma pergunta formulada na primeira pessoa (e portanto minha), na qual me reconheço. Que farei, eu, quando tudo arde? Uma pergunta à qual respondo - não sei. Uma resposta (minha?) também partilhada por todas as personagens.

Há primeiro uma só voz. Mas essa só voz não corresponde a ninguém, porque as perguntas que nela cabem são extensíveis a tantas outras vozes. E, como nos romances anteriores de Lobo Antunes, essas vozes coexistirão, interpelar–se–ão, fundir–se–ão. Como um canto a uma só voz. Porque ainda que cada fala possa ser atribuída a uma personagem com mais ou menos precisão, o que essa fala tem a dizer, o que essa fala tem a perguntar, não é rigorosamente particular, ainda que trate de assuntos exclusivos da personagem em questão. Como se por detrás de cada fala se escutasse, em espécie de eco, a mesma incessante pergunta - Que farei quando tudo arde?

Todas as personagens buscam, nessa pergunta, uma resposta que lhes devolva uma identidade. Uma identidade que necessariamente se constrói em comunhão com os outros (nenhum eu se define sem o tu que o nomeia, como se sabe). E o grande drama deste livro é que as personagens chegaram a um ponto dos seus caminhos em que se não encontram a si mesmas mas também não podem encontrar aqueles que as poderiam ajudar a definir–se. Buscam–se as respostas no que restou de um tempo por indagar ("não me roube esse tempo", pede uma personagem a ninguém, como poderia pedir qualquer outra), um tempo repetido incessantemente, que irrompe no presente como um sopro, através de frases, registos, palavras.

A mais simbólica das personagens será Paulo - cuja voz abre o livro - um rapaz de Lisboa em torno de si, do seu passado, em busca de alguém que encha os nomes que se habituou a chamar àqueles que nunca chegou a encontrar: o nome pai, o nome mãe. Particularmente em busca de alguém que encha o nome pai, um nome que foi ficando cada vez mais vazio uma vez que o seu pai (ou aquele que lhe foi indicado como tal) o abandonou progressivamente - após deixar a sua mãe (constantemente relegada para segundo plano) para se tornar travesti, o pai de Paulo foi-o renegando lentamente, até a morte o apagar de uma vez. Essa busca incessante pela memória de um pai - que é, afinal, uma luta - transformar–se-á, em Paulo, numa tentativa constante e desesperada de fuga ("dêem–me qualquer coisa, um bilhete de comboio ou uma seringa cheia para sair daqui"). E é através da personagem de Paulo que correm todas as outras, que mais não são do que uma continuação dele mesmo. Uma galeria que, como é habitual no autor, reflecte muito do nosso tempo e das nossas perguntas comuns.

# O fim das vontades

Jorge Vaz Nande

Quando a guerra civil espanhola eclodiu em 1936, Hemingway era casado com Pauline Pfeiffer, mulher conservadora e bem composta ou, nas palavras dele, "uma católica devota e bem educada, com uma fortuna enorme e inúmeros pretendentes mais apropriados". Quando as notícias do confronto europeu começaram a chegar à América, Pauline que, como a maioria da população, via na sombra socialista a ameaça ao modo de vida que tinha feito dos Estados Unidos o gigante económico que continua a ser, manifestou horrorizada o seu desprezo pela nefasta frente de esquerda que combatia os fascistas clericais do Generalíssimo Franco. Hemingway respondeu: "Os socialistas podem ser terríveis, mas são o que o povo quer" e partiu como correspondente para Espanha.

A inclinação política de cada um não tem, normalmente, absolutamente nada a ver com política. As pessoas decidem–se por uma impressão, uma contrariedade, o desejo de se saber pertencente a algo de que sinta próximo. Alguém entrará para uma juventude partidária porque os amigos, as pessoas com quem sabe partilhar uma determinada maneira de pensar, já lá estão. Alguém, uma vez, terá combatido a ditadura decadente de Salazar e Caetano porque tinha assistido da varanda, ainda criança, a uma enorme marcha de apoio a Humberto Delgado. Miguel Sousa Tavares esteve um dia próximo da explicação mais razoável de tudo isto, quando disse que só se reconhecia de esquerda porque olhava para aqueles que se diziam de direita e via que o seu lugar não era ali. E isto não é verdadeiro só para a política. Gostamos mais de certos livros do que de outros, há uma comida específica que nos abre mais o apetite do que todas as outras, e não sabemos explicar porquê. Conseguimo–nos justificar, conseguimos encontrar razões posteriores para nos quedarmos naquela condição específica que nos relaciona com algo. Mas não sabemos porque demos aquele primeiro passo que nos levou a ficar lá. Ao fim e ao cabo, talvez seja tudo uma questão de curiosidade satisfeita.

Andamos em pré–campanha e os candidatos dos diversos partidos procuram apoios e votos. São ossos do ofício: toda a Torre de Babel é construída na lama. Sociais–democratas fogem das ruas e procuram aprender a vida para além de Cavaco; socialistas arrumam a casa e tentam agarrar–se ao resto de vida que ainda têm. Os outros partidos comportam–se ambiguamente, jogando mais ou menos habilmente o xadrez da popularidade, mostrando–se fortes e invencíveis ou frágeis e necessitados conforme a ocasião lhes convenha ou não. Na generalidade, todos procuram o segredo para fazer do velho, novo. Será que se aperceberão do seu próprio vazio? Não é novo o desapontamento em relação à classe política; à maneira especial de cada época histórica e social, ele sempre terá existido. Mas, para uma democracia que deveria ter agora chegado ao ponto óptimo de maturidade, é um pouco estranho este desgaste de ideias e, talvez, mais importante ainda, de vontades. De acordo, talvez seja tudo uma consequência lógica da profissionalização da política. Porém, é natural presumir que, a partir do momento em que alguém é convidado para ser ministro e recusa, acabam por ser os menos competentes a ocupar os postos mais importantes, pois os mais bem preparados são necessários ou têm mais gosto ao lugar em que estão. O meio político já foi um alvo para aqueles que ambicionavam mudar o mundo em que viviam; hoje parece–se mais com uma linha alternativa de carreira.

Para os realistas que se desgostam com aquilo a que assistem; para os inocentes bem–intencionados que não sabem como confrontar o deserto de valores que se agiganta, arrogante, à sua frente; para todos os outros que querem exercer a sua cidadania livres de grilhões ideológicos quebradiços e amarelados, que saída restará? Hemingway soube onde estava o seu lugar e partiu. Talvez devessemos todos fazer como ele. Quando não existem mais saídas, continua a ser no absurdo da guerra que o homem se sente livre. Angustiadamente livre.

# A ponte de ligação

Tiago Azevedo

**Novo gabinete camarário de apoio ao Ensino Superior**

No dia 22 do corrente mês realizou–se uma reunião extraordinária na Câmara Municipal de Coimbra (CMC) que culminou com a aprovação da nova estrutura orgânica deste executivo camarário. Estas medidas determinaram a constituição de quatro novos departamentos e a criação de outras divisões, que nas palavras de Carlos Encarnação "vai ser uma boa solução para a câmara". Entre estas novas divisões surgiu o Gabinete de Ligação com o Ensino Superior (GLES), que tem como objectivos principais definir, propor e executar a política de colaboração e apoio institucional entre a autarquia e o ensino superior. Nuno Freitas, vereador do PSD, afirma que " este gabinete é de facto uma tentativa nova de agilizar, melhorar, promover e incentivar" as relações entre as instituições de ensino superior existentes em Coimbra e a autarquia.

Estas declarações ecoam nas palavras de Carlos Encarnação que designa este gabinete como "uma estrutura leve e de rápida resposta em relação aos grandes investimentos que o ensino superior, mas a universidade principalmente, tem a fazer em Coimbra". O GLES pretende fazer com que os processos do ensino superior não fiquem emperrados e sem avanço durante anos na câmara, e contempla todas as entidades de ensino superior, sejam elas públicas ou privadas.

O vereador do PS, Luís Vilar, crítica esta estrutura orgânica do novo executivo camarário afirmando que este novo plano de acção da CMC, para além de aumentar as despesas, vai ser pouco ágil e de fraca operacionalidade. Carlos Encarnação contrapõe estas afirmações dizendo que " é compensável pela eficiência" e defendendo que esse é o preço de uma maior exigência. Contudo, Luis Vilar, absteve–se de votar pois considerou que não devia obstruir a acção da câmara que foi eleita por maioria.

# Galo Negro entoou canto fúnebre

Tiago Azevedo

**Início de uma nova etapa em Angola**

No passado Sábado, dia 23, foi comprovada a morte de Jonas Malheiro Savimbi, o carismático líder da União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA), através da revelação do seu corpo à comunicação social. Já no dia anterior, comunicados da Presidência da República e das Forças Armadas Angolanas (FAA), garantiam que Savimbi tinha sido morto por volta das 15h00 locais, durante uma acção militar na província de Moxico. Os ataques a esta província, por parte do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), o partido no poder, tinham–se intensificado após Savimbi ter sido avistado pela última vez na margem sul do território angolano.

A principal questão levantada neste momento prende–se com as alterações que podem ocorrer no processo de paz. Este vai depender incontestavelmente da posição que a UNITA irá tomar em relação a este acontecimento. Nas palavras de Bento Monteiro, Presidente da Casa de Angola em Coimbra, "qualquer processo tem de ser negociado com quem tem legitimidade, com quem tem carisma e poder" para o fazer. Bento Monteiro afirma ainda que "é de lamentar a vida de qualquer pessoa", principalmente a de Jonas Savimbi "que não é um líder qualquer, é um líder carismático que lutou desde a independência de Angola".

Paulo Alexandre Chitas, Vice–Presidente da Associação de Estudantes Angolanos em Portugal (AEAP), declara que "Dr. Jonas Savimbi morreu no teatro em que ele própio forjou, o teatro de guerra", pois em todas as guerras existem fatalidades e desta vez foi o líder do Galo Negro que morreu.

É de esperar que a guerra em Angola não termine com o desaparecimento físico de Jonas Savimbi, apesar de ser criado um quadro onde a esperança de paz está reforçada. Como salienta Bento Monteiro, "Savimbi deixou uma ala militar. Não sabemos portanto como é que eles vão reagir", pois a UNITA tem raízes muito profundas neste país africano. Já Paulo Chitas é de opinião que "o principal entrave ao processo de paz em Angola era o Dr. Jonas Savimbi."

Não se sabe qual o caminho político que José Eduardo dos Santos, Presidente da República, irá trilhar visto ainda não se ter pronunciado publicamente. A única certeza que se pode ter neste momento é que o Governo angolano tem pela frente um moroso e tão ansiado processo de construção do país porque, como afirma Paulo Chitas, "não há receitas mágicas".

Os tempos que se seguem são então aguardados com grande ansiedade neste país degradado por uma guerra civil que dura desde os tempos da independência, em 1975.